

Educação Física

Renan Fernandes Martin

Super Heróis, corpo e sociedade



Rio Claro
2016

Renan Fernandes Martin

Super Heróis, corpo e sociedade

Orientador: Prof. Dr. José Euzébio de Oliveira Souza Aragão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Rio Claro
2016

796.1 Martin, Renan Fernandes
M382s Super Heróis, corpo e sociedade / Renan Fernandes
Martin. - Rio Claro, 2016
57 f. : il., figs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação
física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro

Orientador: José Euzébio de Oliveira Souza Aragão

1. Imagem corporal. 2. Super heróis. 3. Corpo. 4.
Sociedade. I. Título.

AGRADECIMENTOS

A conquista da formação em Educação Física não foi só para mim, esteve acompanhada de muitas pessoas que estiveram comigo nesse processo. Primeiramente, FORA TEMER! Queria agradecer minha família por todo amor e carinho, juntando com as possibilidades que me deram pra desenvolver meus estudos, sem vocês essa vitória não seria possível. Agradeço então a minha Mãe e meu Pai, aos meus irmãos, Gabriel e Camilo e minha irmã Laura, além das cachorrinhas que passaram por minha vida, Tipi, Xuxa e outra Tipi que tivemos. Isabela, Bruno, Pedro, Marco, Fê, Dida e todos outros parentes, tios e tias, primos e primas, o meu mais sincero agradecimento.

Durante a graduação fiz parte de alguns grupos que não só ajudaram na minha formação como futuro profissional de Educação Física, foram pra além dela, me formaram como humano, agradeço as pessoas que construíram comigo a Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre (ANEL), o A'moras Dance (Grupo de Artes da Moradia Estudantil) e o Centro Acadêmico da Educação Física (2015-2016/ Gestão – Reflexão e Ação: Pra além das quadras), entre erros e acertos que continuemos inspirando algo melhor para todos e todas.

Agradeço aos momentos vividos durante a graduação, em aulas, festas, trabalhos, atos e greves. Agradeço aos moradores da Moradia Estudantil, que me reconfortaram em diversas situações, fora as luta estudantis que sempre estivemos juntos. Agradeço a minha turma, seja pelos bons momentos ou as desavenças, me ajudaram a formar a pessoa que sou. Em especial, Luis, Pedro, Marcel, Matheus, Joaquim, Arthur e Vina. Agradeço os veteranos Chico e Leandro, apesar das divergências políticas, mostraram que não é preciso fazer nenhum curso de humanas para poder lutar. Agradeço também todxs xs camaradas que fiz no Movimento Estudantil, provando que a conquista, só vem através de muita organização e luta em conjunto.

Agradeço a Bea, pelas conversas ou mesmo pelo silêncio que nos faz refletir sobre o que queremos da vida ou mesmo do mundo, das nossas crises existenciais e a sua presença que deixa o meus dias um pouco mais alegres.

Agradeço aos amigos de escola Cabelo, Fábio e Ramos e minha amiga de movimento estudantil, Nájila, mesmo na distância e nas poucas vezes que nos encontramos nesse tempo, o carinho e admiração foram sinceros e recíprocos.

Agradeço as pessoas que moraram comigo nesses anos de estudo, Zé e Luiz, além dos moradores da Degusta: Rick, Gaby, Malacú, Gabriel, Mateca e Lari. Obrigado por deixarem o ambiente mais vivo e agradável.

Agradeço ao Professor Jonas, de Taekwondo que apesar de estar longe também e eu ter me afastado da área, seus ensinamentos ainda vivem. Aos professores universitários que buscam superar o produtivismo acadêmico, pensando esse lugar como deve ser, um universo de ideias e de pessoas. Agradeço o Aragão, pela oportunidade e por acreditar nos meus conhecimentos, Anaruma, Rosa Maria, Luizinho e Aurea. Vem ai um professor também.

Aqueles que passam por nós

não vão sós.

Deixam um pouco de si,

levam um pouco de nós.

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso visa relacionar os super-heróis de quadrinhos a um ideal de corpo presente na sociedade contemporânea. Nas duas primeiras seções deste trabalho discutimos o referencial teórico, tratando primeiramente da questão do corpo na história (Pré-História, Antiguidade Oriental, Grécia e Roma Antiga, Idade Média, Renascimento, Modernidade e o corpo na contemporaneidade) e em seguida, dos super-heróis, com suas origens, seus corpos e funções. A respeito desse último aspecto encontramos poucas referências acadêmicas, utilizando mais material coletado em sites e blogs. No final, tecemos a análise de dados e as considerações finais, na tentativa de responder às questões de nossa pesquisa e atingir nossos objetivos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	2
2. O CORPO NA HISTÓRIA	5
2.1. O corpo na pré-história.....	5
2.2. O corpo na Antiguidade Oriental	6
2.3. O corpo na Grécia Antiga.....	8
2.4. O corpo na Roma Antiga.....	12
2.5. O corpo na Idade Média, Renascimento e Modernidade.....	13
2.6. O corpo na contemporaneidade.....	21
3. SUPER-HERÓIS: ORIGENS, CORPOS E FUNÇÕES.....	26
3.1. Breve história dos Super-Heróis.....	26
3.2. O corpo dos super-heróis.....	32
3.3. Funções ideológicas e sociais.....	41
4. ANÁLISE DE DADOS.....	48
4.1. O corpo e seu percurso histórico-cultural.....	48
4.2. A exaltação do corpo na contemporaneidade: coisificação e mídia.....	48
4.3. O corpo dos super-heróis	49
4.4. A função social dos super-heróis: por que precisamos deles?	49
4.5. Os super-heróis da atualidade.....	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
6. REFERÊNCIAS.....	53

1. INTRODUÇÃO

A questão do corpo é muito discutida na área de Educação Física. Ele aparece com várias representações e adjetivos, como belo, feio, saudável, esbelto, holístico, moderno, magro, gordo, consciente etc. e ainda está muito presente a abordagem do corpo biológico, exclusivamente natural, como que se ignorasse que o “corpo é uma síntese da cultura, por que expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte.

não podemos imaginar um ser humano que não seja fruto da cultura e também não podemos imaginar um corpo natural. Portanto, qualquer adjetivo que se associe ao corpo é fruto de uma dinâmica cultural particular, e só faz sentido num grupo específico [...]. Não é possível desvincular o homem da cultura. O que o diferencia de outros animais, principalmente, é a sua capacidade de produzir cultura (DAOLIO, 1995,p. 25).

Em todos os povos primitivos vemos a presença de um herói, todos com características muito além do que um ser humano poderia ter, como força extraordinária, corpo extremamente musculoso e uma grande moral. Os super-heróis foram muito difundidos por meio das histórias em quadrinhos (HQ) e filmes e por isso os super-heróis têm influenciando até mesmo no modo de vida das pessoas.

Um dos principais super-heróis conhecidos em todo o mundo é Superman, que foi um marco nas HQ e seu aparecimento veio em um período em que os Estados Unidos (EUA) passava por uma grande crise econômica. Durante a 2ª Guerra Mundial os super-heróis se tornaram ainda mais populares, mas com o fim da mesma perderam um pouco de sua popularidade. Dessa forma tem-se necessidade dos super-heróis em momentos de conflitos, e não visualizamos a contribuição deles em momentos em que as pessoas não correm risco de vida, ou seja, quando a sociedade se encontra em situações de perigo.

Então, a figura dos super-heróis está mais associada a situações de ameaças, em que algum cidadão está prestes a morrer, por esse motivo a maioria dos super-heróis possui corpo musculoso, passando a impressão que possui uma super força, assim teriam mais confiabilidade ao realizar as atividades atribuídas a eles, que em determinada situação de gravidade, seria necessário à utilização de sua super força para salvar alguém. Caso algum cidadão estivesse precisando de algum conselho, ou alguma conversa que é algo não comumente retratado em desenhos, filmes e HQ, esses não seriam necessários.

Se formos à Grécia Antiga, vemos que Hades é o rei dos mortos, na etimologia da palavra, significa “invisível”, por isso não exaltar a beleza corpórea para o grego, era algo que estava fora de questão, paralelamente encontramos nos filmes e HQ os super-heróis com base mitológica e dos grandes Deuses (Superman, Batman, Mulher Maravilha) prezando por um corpo em que mais ninguém consegue ter (VIANA, 2011).

Na Grécia Antiga e suas diferentes formas de organização, nas suas cidades, não eram todos os que poderiam fazer exercícios para enaltecer a beleza corpórea. Vemos que essa prática está muito mais ligada aos homens do que as mulheres. Em Atenas, que foi a cidade criadora da democracia, a mulher tinha sua criação e educação totalmente voltada para a vida doméstica, sendo contraditório por estar em uma cidade democrática. Já em Esparta que era uma cidade militarizada, onde se valorizava muito o exército, a formação de soldados, a mulher era vista como quem formaria esses bons militares, por isso era incentivada a participar de jogos esportivos e outras atividades, seria como algo “mulheres fortes geram filhos fortes”.

Se olharmos para as mulheres super-heroínas nos filmes e HQ, nos deparamos com um papel secundário, de coadjuvantes, algo muito comum na sociedade em que vivemos. Em nossa cultura, o homem está estigmatizado com o papel de mais forte e dominador, sendo eles os principais e mais famosos nas histórias de super-heróis, enquanto a mulher deve ser submissa a ele, e logo mais frágil fisicamente, além disso, elas possuem uma imagem corpórea construída, mais voltada pra sensualidade, do que os personagens masculinos.

Guidalli et al (2003), situa essa questão por meio do relato da psicanalista Lúcia Baraúna, em que a mesma afirma:

As crianças sentem excitação ao verem corpos com curvas que sugerem erotismo e sensualidade. Com isso, produzem intensamente hormônios sexuais, o que altera seu físico. As meninas, por exemplo, estão tendo a primeira menstruação mais cedo, aos nove anos de idade, em média (GUIDALLI et al , 2003, p.8).

Com isso a imagem passada dos super-heróis pode alterar fisiologicamente o organismo humano. Além desse tipo de influência, segundo Beiras et al (2007) é notável que o público masculino tem sido caracterizado como alguém que deva ter o corpo musculoso, sendo que os homens que não possuem tal atributo são geralmente desvalorizados, excluídos e algumas vezes até ridicularizados.

Com relação aos super-heróis e sociedade, Lima (2012, p.2) traz o relato de Edmilson Marques, que diz que as superaventuras são expressão de valores, costumes, sentimentos dos criadores (de super-heróis), em consequência da sociedade em que vivem, conscientemente ou não.

Sendo assim podemos relacionar essas questões com a nossa realidade, em que temos uma sociedade carente em ídolos que gerem mudanças para o bem dela, como: saúde, educação e segurança. O que vemos são pessoas se inspirando em atletas (esportistas), servindo muitas vezes como forma de distração. Muitas pessoas almejam essa imagem, do corpo exemplar, achando que lhes dará mais autoconfiança, e por causa disso não será rejeitadas. Mas o que vemos na verdade é que essa profissão (atleta), não altera a realidade das pessoas, e sim fazendo a manutenção da ordem vigente.

Portanto, o presente trabalho tem por objetivo a analisar, a importância dos super-heróis, relacionando às questões do seu corpo com os almejados pela sociedade. Pretende-se analisar o porquê da necessidade da exaltação corpórea em nossa sociedade, principalmente pelos homens. Busca-se, também, compreender a necessidade de existir super-heróis, quem são considerados os super-heróis da atualidade e por que muitas pessoas inspiram-se nos mesmos. A pesquisa foi qualitativa e realizou-se por meio de revisão bibliográfica, utilizando livros e artigos, além de sites, blogs e filmes.

2. O CORPO NA HISTÓRIA

A questão corpórea vem sendo objeto de estudo de várias ciências como a Educação Física, que estuda o corpo em movimento, a Biologia que tem como objetivo estudar a vida, em que se encaixa a vida humana e seu corpo, e as Ciências Sociais que nos últimos anos através de algumas suas de vertentes como: Sociologia e Antropologia, vem dando uma atenção especial ao que se refere às práticas corporais.

2.1. O corpo na pré-história

A história da humanidade vem sendo feita e escrita através dos movimentos, é através deles que o ser humano pode sobreviver, realizar grandes feitos, assim criando fatos marcantes na sua existência. Na maioria das vezes que pensamos em história antiga, nos vem ao pensamento à Grécia, no entanto houve aspectos marcantes na cultura do corpo antes do período comumente estudado na Grécia Antiga. Na pré-história o ser humano exercia movimentos mais vinculados a sua defesa e sobrevivência, seja na caça, pesca ou em combate com animais. Esses aspectos ainda eram retratados em paredes de cavernas, conhecidos como arte rupestre, mas não como um significado de admiração da imagem, e sim de aspectos voltados para o poder e magia, que poderiam influenciar em suas práticas. Segundo Strickland (2003), há 25 mil anos os seres humanos criaram a arte, sendo que uma escultura feminina está entre as mais antigas figuras humanas conhecidas. Essa escultura é a Vênus de Willendorf (25.000 a 20.000. a.C.), ela retrata uma mulher, que possui seios, abdômen e o quadril bastante volumosos, também o ventre saltado. Acredita-se que essas características buscavam exaltar uma forma de fetiche ligada a fertilidade.

Figura 1 - Vênus de Willendorf (25.000 a 20.000. a.C.)



Fonte: Rodrigues (2013)

2.2. O corpo na Antiguidade Oriental

Antes ainda do período clássico houve povos que exerciam sua cultura corporal, por meio de práticas religiosas, danças e até mesmos jogos. Grifi (1989, apud GONÇALVES JUNIOR, 2003) nos descreve alguns desses povos:

Chineses: as práticas corporais estavam presentes desde a infância, em que as de classes superiores eram direcionadas a escolas que ofereciam práticas de exercícios higiênicos atrelados à questão de purificação espiritual. Além disso, o próprio Kung Fu tão presentes na atualidade, tem a sua origem em danças de caráter religioso.

Etruscos: essa civilização localizada na Etrúcia influenciou profundamente os romanos, estimulando o surgimento do culto ao circo e aos jogos em Roma. Entre eles eram comum à atividade hípica em homenagem ao Deus Canso, bem como jogos, competições e danças em cerimônias fúnebres com o intuito de homenagear o corpo morto no momento do sepultamento.

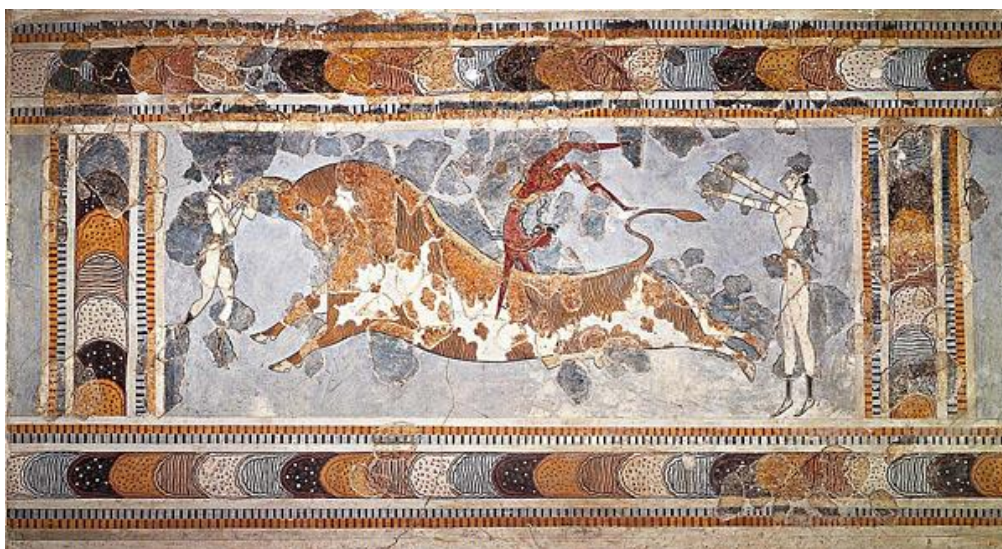
Hindus: as atividades corporais estavam voltadas a religião, com objetivo de manter a saúde. A beleza do corpo era valorizada, em que as influências podiam vir de deuses como Indra. As demonstrações religiosas buscavam unir o divino e o humano, com o intuito de explicar os fatos da vida do ser. O último estágio visava o *Nirvana*, que seria outro lado do ser, além da diferença entre matéria e espírito, atingindo o êxtase. Uma dessas atividades corporais era o Yoga.

Egípcios: havia diversos exercícios corporais, como a luta com bastões, devido às festas religiosas. Os escravos no período de descanso do trabalho agrícola se dedicavam a construção das pirâmides. Algumas mulheres em sua adolescência eram educadas para serem dançarinas de cerimônias sagradas. A questão corpórea após a morte também estava presente entre os egípcios, já que esse embalsamavam os corpos, acreditando que este iria pra outra forma de vida. Outras práticas corporais estavam algumas individuais como o atletismo (arremessos, saltos e corridas), levantamento de peso e natação de variados estilos, até salvamento. Algumas estavam ligadas ao combate como o boxe, esgrima e a luta livre, que talvez fossem os esportes mais aceitos no Egito Antigo. Nesses combates é provável que os participantes untassem o corpo com óleo para a prática deles, e ainda ficavam nus, tendo apenas um sintó, provavelmente de couro. No combate era permitido segurar qualquer parte do tronco,

cabeça e os membros. Outras atividades como o remo, a pesca, a equitação, a caçada, arco e flecha e as corridas eram praticados em plena natureza, e todas estavam presentes em imagens e figuras de muros e túmulos do Egito. No Museu do Cairo, pertencente a tumba de Tutancâmon que é possível ver uma imagem do faraó caçando leões (RAMOS, 1982).

Cretenses: praticam jogos que exaltam o ritual de caça ao touro, conhecido como taurocathapsia. Realizavam exercícios acrobáticos para caça e domesticação, os que se destacavam com exercícios sobre o dorso e a cabeça do touro se tornavam mitos.

Figura 2 - Taurocatapsia, cerca de 1500 a.C., pintura de parede, de Knossos. Hoje: Heraklion (Creta), o Museu Arqueológico.



Fonte – Taurocatapsia (2014)

Astecas: realizavam danças em homenagem ao deus Sol, que terminavam com um ritual de sacrifício de algum prisioneiro, pois se acreditava que apenas por meio do sangue humano, que é da mesma cor dos últimos raios, é que ele renasceria todos os dias.

Maias: praticavam um jogo chamado pok-a-tok, com a bola de borracha maciça ou revestida de couro, em um campo apropriado, em forma de duplo T. Esse jogo tinha como objetivo jogar a bola com o quadril em aro vertical. As regras do jogo são desconhecidas, no entanto ele estava relacionado ao ritual de fecundidade/ fertilidade, que acabava com a perfuração do coração de um dos participantes.

Grifi (1989) apud Gonçalves Junior (2003) ainda aponta que a prática de jogos pelas duas últimas civilizações citadas de 1600 a.C. ocorreram até pouco depois de 1492, quando Colombo chegou a América a serviço da coroa espanhola, dessa forma destruindo a cultura corporal local.

2.3. O corpo na Grécia Antiga

A Grécia Antiga, tão estudada e comentada até os dias de hoje, pelas concepções de política, filosofia, arte e religião, também dá destaque para as questões corpóreas. O que mais ouvimos falar é da idealização do corpo nesse período, da forma que se teria um corpo ideal a ser seguido. De fato, isso marcou a civilização grega, no entanto alguns filósofos pontuavam que o corpo poderia ser um aprisionamento da alma, como Platão, tendo dessa forma uma visão dualística de ser humano. Segundo Cassimiro (2012) através do “mito da caverna” presente na obra de Platão, *A República*, ele buscou expressar o mundo através de duas visões diferentes: o mundo sensível e o mundo inteligível.

Para Aranha & Martins (1996 apud CASSIMIRO, 2012) no mundo sensível o conhecimento estaria fechado, preso. Este seria um lugar fraco, uma caverna, em que pessoas olhavam para um feixe de luz, e através dele se via do lado de fora pessoas conversando, representando todo o conhecimento, o mundo das ideias. Com a visão do corpo como um aprisionamento da alma podemos entender que a caverna poderia fazer alusão ao corpo, devido essa questão de sensibilidade que Platão pontua. O mundo inteligível é o mundo perfeito, das ideias da razão, que só poderia se chegar a partir da libertação dos enganos dos sentidos. Esse seria então o mundo que se observa pelo feixe de luz, o fora da caverna, fora do corpo.

Para Platão a sociedade deveria se basear nesse tipo de distinção entre mundos (MOREIRA, 2006 apud CASSIMIRO, 2012). Segundo ele deveria existir três tipos de almas, em duas delas seriam inferiores devido a sua ligação com trabalhos, visto hoje como braçais, como: agricultura, artesanato e bélica, sendo as duas primeiras consideradas “almas de bronze” e a última “alma de prata”. A “alma de ouro” seriam os sábios, os filósofos, que por meio do discurso exerceriam seu poder, guiando toda a sociedade (ARANHA & MARTINS, 1996 apud CASSIMIRO, 2012).

As considerações feitas por Platão eram consolidadas na própria estrutura educacional da Grécia Antiga. Na infância a primeira disciplina a ser ensinada era a Ginástica, depois a Música, em seguida a Dança. Depois desse período que durava até os 30 anos, só os que apresentavam certa racionalidade, estudariam conceitos filosóficos e dialéticos para que depois dos 50 se tornassem juízes e governantes (MOREIRA, 2006 apud CASSIMIRO, 2012).

O dualismo ainda é reforçado com a célebre frase: “Ora, para o corpo temos a Ginástica e para a alma a música” (PLATÃO, 1997). Vale o destaque que Platão não desconsiderava o corpo, ele apenas o considerava limitante, imperfeito, sensível à dor, e possível de morte, por isso era necessário o seu cuidado através de exercícios, no caso a ginástica, para gerar um bem-estar à saúde dos gregos (MOREIRA, 2006 apud PALMA; BERTONI; PEREIRA).

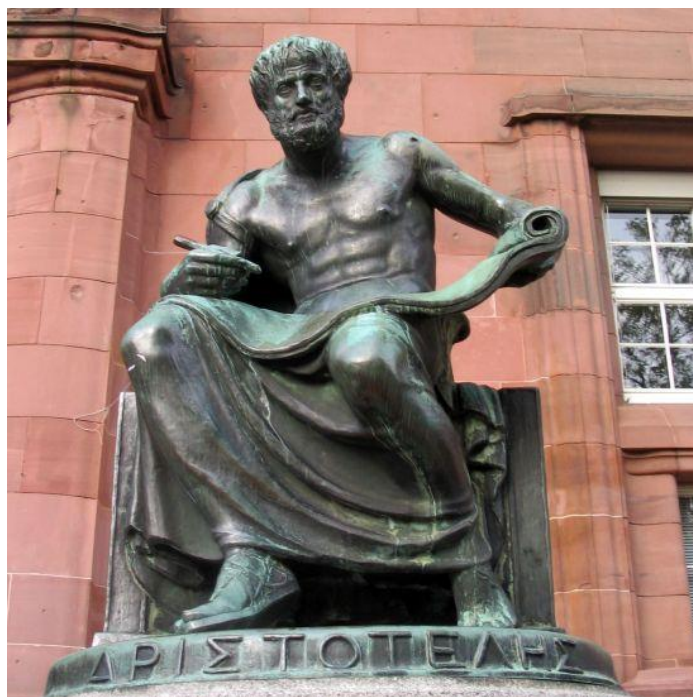
Outros dois filósofos gregos que contribuíram acerca das questões do corpo foram Sócrates e Aristóteles, esses apresentavam uma visão diferente comparado a Platão, que foi discípulo de Sócrates, e Aristóteles discípulo do primeiro. A visão que eles apresentavam fundamental em um ser integral, de corpo e mente unidos, onde as ações humanas estavam conectadas a esses dois (CASSIMIRO, 2012). Para Sócrates o bem mais precioso de um homem era sua saúde, juntamente com a beleza do corpo. Segundo Carmo Júnior (2005 apud CASSIMIRO, 2012), a educação defendida por Sócrates de baseava *Paidéia*, que tinha como objetivo de desenvolver o ser humano de forma integral, promovendo uma relação entre o intelecto e a beleza física externa. Além de orientar seus discípulos, Sócrates também se exercitava ao lado dos mesmos, dando instruções sobre dietas para manter a melhor forma.

Assim como Platão, Aristóteles considerava o corpo numa perspectiva de fragilidade, no entanto não considerava que a alma seria superior como pregava Platão. Aristóteles acreditava em um funcionamento recíproco entre corpo e mente, em que um precisava do outro para interação com o mundo, além disso, processos de pensar e se movimentar ocorreriam da mesma forma (CASSIMIRO, 2012).

Segundo Tucherman (2004 apud BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011), os pensamentos sobre o interior humano no período de Péricles em relação ao calor corporal, diziam que fetos aquecidos desde antes do início da gravidez se tornariam machos, enquanto os poucos aquecidos seriam fêmeas. A diferença não estaria em

relação a processos naturais, mas sim em relação ao calor corporal, o corpo teria um único sexo, assim fetos masculinos que tivessem recebido pouco calor, seriam homens afeminados, e fetos femininos que tivessem sido muito aquecidos seriam mulheres masculinizadas. O filósofo Aristóteles posteriormente diferencia o sangue menstrual frio, do esperma e o sangue quente que gerariam vida.

Figura 3 - Filósofo Grego Aristóteles



Fonte: Oliveira (2010)

A imagem do corpo grego também estava ligada ao nu e a sexualidade. Em algumas de suas esculturas encontramos homens sem nenhum tipo de vestimenta, essas imagens buscavam exaltar a beleza, saúde, a capacidade atlética e a fertilidade. Em relação às restrições do corpo não havia tanto pudor como que persiste atualmente, no entanto as práticas corporais só deveriam ser praticadas por cidadãos, ou seja, homens livres, nem escravos e mulheres possuíam esse direito. Além disso, as mulheres deveriam sempre estar vestidas, diferente do homem que poderia ficar nu (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

A exaltação corpórea naquele período não se tratava apenas em formar um corpo para ser admirado, mas também para ser saudável e preparado, a questão do preparo poderia ser em caso de guerras ou mesmo competições que havia na época,

como é o caso dos Jogos Olímpicos da Antiguidade. Nesse caso houve práticas de uma ginástica atlética, voltada para a formação homens fortes e robustos, para serem vitoriosos em competições (PALMA; BERTONI; PEREIRA). Competições que tinham função homenagear os deuses, tanto que em Atenas possuía aproximadamente 70 feriados por ano, em nestes era realizados atividades atléticas e culturais ligadas à religião (CRESPO, 1987 apud GONÇALVES JUNIOR, 2003). As guerras, competições e atividades, era descritos em poemas homéricos, *Iliada* e *Odisseia*, em que homens eram retratados como heróis e guerreiros, dando a eles um caráter folclórico quase divino (GRIFI, 1989 apud GONÇALVES JUNIOR, 2003).

A cidade de Esparta era fundamentada na disciplina militar, em que quaisquer de suas atividades como jogos, danças e festas estavam voltados para guerra. Procurando ressaltar o militarismo da cidade, a mulher espartana era preparada para dar origem a filhos que pudessem ser aptos para entrar no exército, sendo assim ela realizava exercícios e participava de jogos com o intuito de gerar um filho forte e corajoso.

Além do culto ao corpo ser propagado na Grécia, esse corpo deveria ter uma aparência jovem, simbolizando a perfeição. Estes costumavam chamar a atenção de vários homens, seja qual a for a idade. Dessa forma indo além da pederastia pedagógica grega que pregava que um homem deveria ser o tutor de um garoto livre. As relações entre homens com pequena diferença entre as idades também ocorriam, sendo retratadas em pinturas de vasos e em escritas.

Em todo caso, no momento em que Cármides chegou, ele pareceu incrível para mim, pela estatura e pela beleza, e todos pareciam estar apaixonados por ele, tal foi a admiração e o tumulto quando entrou; e muitos outros admiradores lhe vinham atrás. Já não era pouco que fosse admirável para o nosso grupo de homens, mas reparei nos meninos e vi que nenhum deles, sequer o menor, olhava para outro lado e todos estavam como se contemplassem uma estátua (PLATÃO apud FERNANDES, 2014).

O trecho nos mostra que admiração por homens jovens eram comuns e também a relação entre corpos do mesmo sexo. Fernandes (2014) nos fala que os garotos mais desejados eram os da elite, os escravos dificilmente eram vistos como objetos de desejos, quando são, normalmente pertenciam a outras pessoas. Mesmo após a maturidade física alguns jovens ainda continuavam com seus amados, o que leva a uma questão de passividade nas relações. Alguns jovens davam atenção a sua aparência,

cessando pelos e barbas, outros não. Jovens mais velhos também eram atrativos, pois devido a sua experiência, era associado que possuísse engajamento intelectual maior.

2.4. O corpo na Roma Antiga

As relações homossexuais no período clássico não ficaram apenas na Grécia, ela chegou a Roma também. Lá a relação estava mais voltada entre homens adultos e jovens escravos, sendo que alguns donos de escravos ricos castravam seus escravos com o intuito de manterem sua aparência jovem e andrógena. Seguindo o relato de Sêneca (4 a.C. – 65 d.C) advogado e escritor romano:

E pensar que as pessoas têm tempo ocioso para se preocuparem com o que mendigos miseráveis fazem entre mendigos, enquanto importantes cidadãos empregam sua riqueza contra a natureza. Eles possuem legiões de eunucos e os amputam para exercerem uma longa passividade para atos vergonhosos. Porque eles têm vergonha de serem homens, eles os fazem serem tão poucos homens quanto possível. Ninguém vai ao resgate desses lindos fracos e indelicados (FERNANDES, 2014).

Figura 4 - Detalhe do Taça Warren (Museu Britânico) de um jovem sendo penetrado por um homem.



Fonte: Homossexualidade na Roma Antiga (2016)

Essa proximidade de práticas com relação à Grécia veio devido ao processo de ascensão do Império Romano, que dominou uma grande área territorial, abrangendo diferentes culturas, inclusive a grega. No entanto as práticas gregas não tiveram o mesmo significado para a romana, enquanto os gregos buscavam harmonizar atividades

ginásticas a saúde, estética, prática guerreira e esportiva, os romanos apenas utilizaram os conhecimentos da ginástica militar (GRIFI, 1989 apud GONÇALVES JUNIOR, 2003).

Roma tornou as imagens artísticas gregas com uma visão mais banal, eles tiveram uma maior dramaticidade, mostrando uma diferença e o corpo nu e o vestido, a vida e a morte, a força e a fraqueza. Essas forças que eram demonstradas por gladiadores em arenas, que lutavam contra feras ou mesmo outros gladiadores, dando um caráter de evento brutal, que estava apenas ligado à morte (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). Eram esses espetáculos que deram a origem à política de pão e circo, em que a elite distribuía alimentos para o restante da população, com o intuito de focarem atenção apenas no alimento e nos jogos, não em relação aos problemas sociais. Referindo ainda aos espetáculos os jogos olímpicos tão reverenciados na Grécia, perderam sua importância, no ano de 393 foram suspensos pelo Imperador Teodósio, após a sua conversão a cristianismo, dessa forma qualquer prática que não fosse cristã, era considerada pagã, e os jogos gregos buscavam homenagear seus deuses (GONÇALVES JUNIOR, 2003).

2.5. O corpo na Idade Média, Renascimento e Modernidade

O cristianismo marcou um silêncio na história do corpo, este passou a ser visto como algo sujeito ao pecado, sendo proibido. O papa Gregório Magno diz que: “corpo é a abominável vestimenta da alma”. No entanto, teria sua valorização pelo corpo sofrido de Cristo (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). Nesse quesito a punição teria um valor espiritual. Vemos novamente as questões dualísticas entre corpo e mente reascenderem.

O homem devia descobrir a maneira de chegar à salvação, dessa forma controlando seus desejos carnis (sexo) e até mesmo dietas, em algumas estava à recusa a alimentação para abandonar seu corpo alcançando assim o espírito (CARMO, 1997 apud BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

A Idade Média trouxe essa nova concepção de se enxergar o corpo, fato que foi fortalecido pela união da Igreja com a Monarquia. Um dos fatos que marcam esse período é o Tribunal do Santo Ofício (a Inquisição – oficializada pelo papa Gregório IX), que pregava práticas punitivas aos corpos como castigos, execuções e auto-

flagelos. A Inquisição buscava “salvar” as almas dos hereges (questionadores da religião), mais tarde passou a empregar a tortura e fogueira como forma de punição, fatos esses que eram realizados em praças públicas. Dessas fogueiras sofreram principalmente as mulheres, que eram acusadas de bruxaria, e assim corromperiam os homens através de sua sexualidade. As mulheres eram consideradas agentes do demônio e estes queriam as almas dos homens (CARMO, 1997 apud BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

A questão pelo desinteresse do corpo feminino aparece também em questões voltadas para a gravidez, onde ela não tinha nenhuma atenção particular e nos casos de velhice, que em alguns casos ela poderia ser vista como uma bruxa. As condutas das mulheres, seus gestos, suas práticas, passaram a ser medidas pela sociedade, sobre influência da Igreja. Mesmo assim houve conflitos nas suas questões corpóreas, como as de “bem”, procriação, virgindade de “Maria” e cuidado como a família e também as de “mal”, sexo, prostituição, luxúria, práticas que levariam a condenação da alma (ROIZ, 2009).

Figura 5 - Bruxas queimadas em Lausanne durante a Idade Média.



Fonte: Thoele (2011)

A mulher possuía uma tarefa social em relação aos corpos mortos. Seu papel era de lavá-lo e prepará-lo para a ida ao reino dos mortos, que segundo crenças poderiam voltar para atormentar a alma dos vivos. Para os mortos deveriam prestar homenagem apenas através da reza, agora para os santos uma veneração maior (ROIZ, 2009).

Os corpos mortos segundo Rodrigues (1999 apud DAMBROS, CORTE, JAEGER 2008), jamais poderiam ser abertos ou dissecados, dessa forma os conhecimentos anatômicos permaneceram sem avanços no período medieval, só sendo retomados no Renascimento. O processo de putrefação era visto como continuidade da vida, algumas famílias possuíam valas em casa e também havia valas coletivas a serem preenchidas. Os reis da França ao morrerem eram esquartejados e tinham suas partes espalhadas por igrejas importantes da região, isso era feito, pois se tinha a crença que as “reliquias reais” trariam boas colheitas. Também, segundo Besen (2004 apud DAMBROS, CORTE, JAEGER 2008) existia o culto das “reliquias dos santos”, ocorrendo até roubos de partes do corpo. A formação de uma nova cidade devido à crença, era sempre acompanhada por um túmulo de um santo, dessa forma houve conflitos para ter o corpo, ou parte dele que traria proteção. Até mesmo as Cruzadas foram justificadas com o intuito de tirar dos domínios dos muçulmanos o Santo Sepulcro de Cristo que está em Jerusalém, a Terra Santa.

A vida sexual tornou-se pecaminosa, segundo Franco Júnior (2001 apud DAMBROS, CORTE, JAEGER 2008) os que já haviam pecado deviam se abster das relações até o final da vida. Ela só era permitida caso estivesse ligada ao matrimônio em uma relação heterossexual. O sexo entre humanos e animais era combatido e as relações homossexuais também, devido a sua relação de apenas estar ligado ao prazer e não a procriação.

Outras formas gerais de controle corporal geral da sociedade, segundo Schimitt (1995 apud DAMBROS, CORTE, JAEGER 2008) foi que “O tratado do bispo Martim de Braga, escrito para o rei Miro de Galícia, recomenda a *continentia*: a alimentação, a linguagem, o riso e o andar devem ser feitos sem “tumulto”.

Ele também cita Cícero que escreve sobre regras de moderação do corpo:

que a face seja bem reta, que os lábios não se contorçam, que uma abertura imoderada não distenda a boca, que o rosto não se volte para trás, que os olhos não mergulhem em direção ao sol, que a nuca não se incline, que as sobrancelhas não estejam nem levantadas, nem caídas (SCHIMIITT 1995 apud DAMBROS, CORTE, JAEGER 2008, p. 1).

As práticas corporais, como equitação ficaram de exclusividade da nobreza que também defenderiam a pátria e podiam participar de jogos e torneios, nessa nobreza

havia cavaleiros que foram preparados militarmente para as Cruzadas. A plebe ficou com atividades de danças, canto e festas que procuravam homenagear Cristo ou Santos.

Pereira (2006, p.16 apud PALMA; BERTONI; PEREIRA) nos diz também que o restante do povo praticava exercícios como: “escalada, corrida, caça, luta, arco e flecha, manejo de lança, arremesso da pelota”. Segundo Oliveira (apud DAMBROS, CORTE, JAEGER 2008) o povo também pratica jogos com bola. Nas festas populares, ocorriam apresentações de saltimbancos e acrobatas, segundo Faraco e Moura (2005 apud DAMBROS, CORTE, JAEGER 2008).

As vestimentas da época eram de roupas longas, influenciadas tanto por questões climáticas quanto pela moral religiosa da época. As roupas longas eram usadas até mesmo nas competições pelos cavaleiros e também nos banhos (MATOS E GENTILE, 2004 apud DAMBROS, CORTE, JAEGER 2008).

Eles também citam que os banhos eram pouco frequentes na época, pois se acreditava que a sujeira poderia ser uma forma de proteção contra as epidemias (como a Peste Negra). Segundo Rodrigues (1999 apud DAMBROS, CORTE, JAEGER 2008), os animais conviviam com as pessoas, além disso, os cômodos nas casas eram de comum convivência, não havendo privacidade, e também as necessidades não eram eliminadas em um local específico.

Com o renascimento das cidades no final da Idade Média, uma nova sociedade foi se formando, associada com um novo tipo de economia baseada na produção de manufaturas e no mercantilismo, influenciada também um olhar científico, artístico e cultural que buscava resgatar os valores da Grécia antiga em detrimento dos dogmas religiosos. Do teocentrismo vamos para o antropocentrismo (GONÇALVES JUNIOR, 2003).

Com essa nova concepção social, uma nova forma de educação surgiu, sendo que a prática de exercícios de maneira espontânea pelo povo era recomendada por educadores da época moderna, como os italianos Vittorino de Feltre, Maffeo Veggio, o francês Jean Jacques Rousseau e o inglês John Locke (RAMOS, 1982).

Vittorino de Feltre (1378-1446) foi influenciado pelos valores da educação grega, que buscava a formação de um ser humano integral, sendo assim, seus alunos, segundo Ramos (1982), praticavam “ginástica, os jogos, a esgrima, a natação, a

equitação, a corrida, a luta, o arco e flecha, a bola, as longas marchas, os exercícios de resistência ao frio e ao calor.” O mesmo autor também diz que Vittorino também estimulava seus alunos ao falatório e a se divertirem. Dizendo também que seus alunos deviam estar sempre reunidos, pois a solidão seria a influência para os maus hábitos. A equitação e esgrima citada por ele fazia um reconhecimento especial à Itália no século XVI.

Maffeo Veggio (1407-1458): era considerado o maior pedagogo de sua época, sendo este grande conhecedor da Ginástica e da Fisiologia. Ele dizia que a criança não devia se exercitar antes dos cinco anos, condenando a prática de ginástica excessiva, essa para ele deveria ser dosada visando o desenvolvimento da agilidade (RAMOS,1982).

Jean Jacques Rousseau (1712-1778) nasceu em Genebra, e algumas das suas obras como o romance *Emílio ou da Educação* (1762), apresenta conteúdos pedagógicos que também recomenda, segundo Ramos (1982, p. 174):

a prática dos exercícios físicos, a necessidade do esforço, a vida ao ar livre, o aleitamento materno, a alimentação pura e sadia, o uso de roupas adequadas as condições climáticas e o arejamento da habitação, como elementos essenciais a saúde e ao desenvolvimento do organismo.

Rousseau recomendava atividades físicas para a formação do homem, como as corridas de obstáculos, saltos em distâncias e em altura, natação, levantamento de peso, escalar árvores, arremesso de pedras exercícios para equilíbrios, sensoriais e exercícios para a visão como jogos de bola. Ele também recomendava exercícios apropriados para maternidade, para isso ele até diz: “Quando as mulheres adquirem força, aumenta a dos homens” (RAMOS 1982). Semelhante à visão da mulher espartana como já havíamos relatado anteriormente.

Rousseau chegou a inspirar outros autores como Goethe, que apresenta frases como: “Quem quiser ser forte espiritualmente deve cultivar as suas força físicas.” Outra também: “Quanto mais fraco é o corpo, mais ele domina, quanto mais forte, mais obediente será o espírito; um bom servidor deve ser robusto”. John Locke (1632-1704), filósofo de grande reputação, que também foi inspirado nas ideias de Rousseau, se interessou pela educação infantil e adolescente, além disso, fez contribuições sobre saúde, formação moral, punições e recompensas, prazer e recreação, vantagens dos

jogos, músicas, equitação e esgrima (RAMOS 1982). Um dos fatos que podem ter influenciado Locke também, foi a *Declaration os Sports*, em 1617, pelo Rei James I, da Inglaterra, que revoga a proibição de práticas desportivas que vinham desde a Idade Média (GONÇALVES JUNIOR, 2003). Além disso, Locke contribuiu para o conceito de Educação do Físico, começando a dar uma nova característica ao conceito de Ginástica, mas essa educação deveria atender valores da época, ou seja, para o racionalismo. Teria se um corpo forte e disciplinado com o intuito de adquirir virtudes (PEREIRA, 2006 apud PALMA; BERTONI; PEREIRA).

Para que a expressão “educação física” exista, é necessário que seja utilizada, e sua existência foi garantida por sua institucionalização na educação escolar, devido às orientações dos pedagogos dos séculos XVII, principalmente John Locke. A partir de sua proposta pedagógica sobre a importância de o físico ser abordado com dimensão da educação, a educação física veio a ser sistematizada pelos pedagogos do século XVIII (NEGRÃO 2008, p. 54 apud PALMA; BERTONI; PEREIRA, p. 1326).

Locke e Rousseau tiveram influência de discussões filosóficas da época, influenciada principalmente por Descartes que acabou por intervir também nos métodos científicos. Para ele o ser humano estava dividido entre uma substância pensante (mente, alma, razão) e uma substância extensa (corpo, matéria), dessa forma o corpo estaria a serviço da razão (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

O desenvolvimento científico não serviu apenas para libertar o corpo das correntes da Idade Média, ele também permitiu um conhecimento para mudanças no sistema de produção agrícola e dos meios de transporte do sistema feudal, aumentando dessa forma a produção comercial, dando início a uma sociedade mais moderna, a partir disso surge uma nova forma de economia chamado capitalismo¹, controlada então por uma classe chamada burguesia. Essa burguesia influenciada pela ciência da época tinha uma visão mecanicista sobre corpo, de funcionamento apenas para a razão, sendo também uma forma de engrenagem para mover as produções da época (PALMA; BERTONI; PEREIRA). Desta forma o corpo começa a ser manipulado, disciplinado, onde todas as suas ações, gestos e até mesmo pensamentos, não eram feitas mais pelo

¹ Denominação do modo de produção em que o capital, sob suas diferentes formas, é o principal meio de produção. O capital pode tomar a forma de dinheiro ou de crédito para a compra da força de trabalho e dos materiais necessários à produção, a forma de estoques de bens acabados ou de trabalho em processo. Qualquer que seja a sua forma, é a propriedade privada do capital nas mãos de uma classe, a classe dos capitalistas, com a exclusão do restante da população, que constituiu a característica básica do capitalismo como modo de produção (BOTTOMORE, 2012, p. 75).

indivíduo, ele virou um corpo para produzir, não existe mais criatividade, só movimentos em série (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). Essa forma de produção acaba fazendo com que os trabalhadores não se reconheçam como tais, reforçando um individualismo, até mesmo um individualismo de partes do corpo (SILVIA, 1999 SENNETT, 1997 apud SILVIA, 1999).

Essa questão de transformar corpos que trabalhavam no campo (camponeses), para corpos operários, trouxe uma nova corporeidade que segundo Perrot (1988, p. 53 apud SILVIA, 1999, p.22) se baseavam em três formas de disciplina:

a era do olhar, marcada pelas diversas formas de fiscalização; a disciplina fabril, como resultado de uma organização administrativa; e a ciência do trabalho, que tem no corpo um objeto de estudo buscando a maximização do rendimento.

A primeira tinha o intuito de vigiar, assim como é utilizado em outras instituições como as escolas e prisões, até o ponto que a própria não seja mais necessária (BENTHAM, 1791, apud SILVIA, 1999). O segundo buscava a organização do tempo e espaço, controlando dessa forma todas as ações e formas delas também (PERROT 1988, p. 58 apud SILVIA, 1999). A última se refere a métodos médicos para melhor funcionamento da máquina humana, procurando conhecê-la para depois a usufruir. Questões técnicas como cronografia foram utilizadas para a melhora da produção.

Voltando a falar do Renascimento vemos que toda e qualquer manifestação do corpo, como expressões, dor, prazer, medo, força ou fraqueza, passa a ser explicado pelo próprio corpo. As razões para tais atitudes e movimentos vinham do próprio ser, sendo assim os estudos de anatomia e fisiologia começaram a aumentar na época. Com esses avanços as artes, pinturas e esculturas passaram a ser mais realistas, nesse momento também é que surge o autorretrato (SILVIA, 1999). Para realizarem tais obras os artistas utilizavam corpos nus, ou mesmo modelos tridimensionais esculpidos. Alguns desses corpos utilizados eram cadáveres, muitos pintores frequentavam sessões de dissecações, ou ainda eles efetuavam o ato procurando conhecer mais sobre a estrutura humana e seu funcionamento. Artistas como Leonardo da Vinci e Andreas Versalius realizavam análises nos corpos. Versalius chegou a adquirir um cadáver de um prisioneiro para realizar seus estudos, fato que era comum na época. Os dois artistas buscavam representar o corpo em suas obras como certa dramaticidade, explorando

técnicas que dessem a impressão do movimento. Além disso, as obras nem sempre eram a representação daquilo que eles observavam, devido a fato de procurar exaltar uma beleza estética vinda do padrão da época (neo-platônico), eles queriam “melhorar a realidade”, nos diz Zarinato (2011).

Figura 6 - Estudos de "*Manuscrito Anatômico*", de 1510-1511, Leonardo da Vinci



Fonte: Redação (2010)

Figura 7 - Anatomia do corpo humano



Fonte: Juan Valverde de Amusco (1559)

Na obra do médico Rodrigo de Castro, vemos as mulheres de uma forma diferente da concepção da Idade das Trevas. Formou-se uma nova concepção do corpo feminino tendo influências de pensadores como Aristóteles, Hipócrates e Galeno, além disso, conceitos de anatomia experimental e observação clínica também estavam presentes na obra. Em algumas referências das obras ainda há a presença de uma visão de inferioridade das mulheres, já que seus estudos estavam baseados em leituras aristotélicas, que via a mulher de uma forma imperfeita. Castro chegou a defender que a condição psicológica e capacidade mental da mulher são igualmente perfeita em

comparação ao homem, embora seu sexo apresentasse humores frios e úmidos com mais fragilidade, além de menor potência do sêmen e do aparelho reprodutor (MATOS; SOIHET, 2003).

O sistema galênico parece concordar com o de Aristóteles em relação à função do sangue menstrual que seria o de fornecer matéria na geração, alimentando o feto durante a gravidez e conseqüentemente virando leite após o nascimento. Castro contrariando que a mulher só seria fértil no início e no término da menstruação, observando mulheres judias que eram bastante férteis, apesar de só poderem se relacionar após sete dias o final da menstruação (MATOS; SOIHET, 2003).

No capítulo da sua obra que discute se diferentes espécies poderiam se acasalar, Castro entra na relação de mulheres com anjos e mulheres com demônios, discordando do autor cristão Lactantius (c. 250–317) que apontava que os anjos tomavam as mulheres como esposas, Castro afirma que os anjos eram protetores dos patriarcas judeus (Raziel era guardião de Abraão, Rafael, Isaac), e não geravam filhos com as mulheres. Em outro capítulo que discute as questões do esqueleto da mulher, Castro contrapõe a Bíblia que afirmava que as mulheres possuíam uma costela a mais que o homem, no entanto ele não fez isso a partir de estudos anatômicos, mas sim a partir da Bíblia Hebraica, que segundo Castro diz que a mulher que Eva foi criada a partir do lado de Adão, ou de sua carne, não de sua costela (MATOS; SOIHET, 2003).

Como podemos observar a maioria dos fatos citados por Castro em relação à mulher estava relacionado à procriação, para ele também havia uma influência dos planetas no desenvolvimento do feto, sendo que Vênus seria o quinto mês, e por ser fria e úmida amenizaria o calor vindo dos astros anteriores (Sol). Vênus também daria as características de formação dos membros externos e sexuais, também dando “graça e beleza na forma e disposição do nariz, boca, mãos e outros membros”, nos diz, Matos; Soihet (2003). Vênus estava associada como a deusa do amor.

2.6. O corpo na contemporaneidade

Na Idade Contemporânea temos como marco a Revolução Francesa (1789), período que levou a burguesia ao poder, no entanto o atrito entre burgueses e parlamentares, faz com que Napoleão Bonaparte chegue ao poder, implantando assim onda de guerras por toda a Europa Ocidental, fazendo com que surgissem métodos

ginásticos glorificados para a preparação de países para a guerra, entre eles o alemão, o francês, e o sueco (GONÇALVES JUNIOR, 2003).

Friedrich Ludwig Jahn (1778-1822) criou na Alemanha um movimento chamado *Turnen*, com o intuito de fortalecer física e moralmente os jovens alemães para a libertação do país, que esteve ocupado pelas tropas de Napoleão entre 1806 a 1810. De acordo com Betti (1991 apud GONÇALVES JUNIOR, 2003), Jahn que lutou contra a França, expulsando eles e unificando a Alemanha, foi visto como um herói nacional. Seu método deu origem a Juventude Alemã, tornando-se mais tarde a Juventude Nazista.

Francisco Amoros (1770-1848), na França, apesar de ter nascido na Espanha, desenvolveu junto com Napoleão um método de características militares, no entanto foi aplicado a população e as crianças nas escolas. Ele foi fundador da Escola de Joinville-le-Pont, onde exportou seus métodos para vários países, inclusive o Brasil, que no governo ditatorial de Getúlio Vargas (1930-1945) implantou o método nas escolas e no exército (GONÇALVES JUNIOR, 2003).

Per Henrik Ling (1776-1829) na Suécia introduziu conhecimentos biológicos na sua metodologia de Ginástica. Seu método buscou de maneira científica e pedagógica desenvolver na população aspectos de saúde e higiene por meio de exercícios físicos que segundo Gonçalves Junior (2003), seriam “pautados na observação da duração, do ritmo, da alternância de uso de força, da combinação de movimentos dos membros superiores e inferiores, e da ativação das funções respiratórias e circulatórias.” O método ainda foi adotado na população e no meio militar por Portugal na ditadura de António Oliveira Salazar (1926-1974).

Com movimentos nacionalistas em diversos países, o esporte também se internacionaliza com a volta dos Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1896, em Atenas, na Grécia, sendo seu principal idealizador o barão francês Pierre de Coubertin (1863-1937), mais conhecido como Barão de Coubertin (GONÇALVES JUNIOR, 2003).

Nos tempos atuais os corpos são objeto de fruição: são admirados, exaltados, glorificados e desejados, mas ao mesmo tempo são desprezados, criticados e excluídos, dependendo de sua relação com os padrões estéticos estabelecidos. Modelos corporais surgem nos meios de comunicação em massa e dessa forma acabam virando padrões a

serem seguidos, uma forma estética que a maioria da população está longe dela. As imagens veiculadas trazem com elas estereótipos de beleza, saúde e bem-estar, criando na maioria dos indivíduos um sentimento de repulsa ao seu próprio estado, acreditando que seu corpo é errado, não sendo um corpo saudável e nem belo. A indústria da beleza cria um modelo em perpetua no indivíduo à questão de permanecer vivo, jovem e belo (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

Com o aumento de spas, clínicas médicas, salões e produtos de beleza devido à necessidade por consumo de tais serviços e produtos, temos a formação de um corpo síntese da cultura que ele está inserido, uma cultura onde as tecnologias avançaram criando tais serviços e produtos, além de as imagens que estes são apresentados, que são os corpos expostos pela publicidade. A sociedade de consumo passou a valorizar algo a mais do que os bens materiais, passou a “se valorizar” enquanto indivíduo, buscando também consumir revistas e programas de televisão que vendem ou utilizam do corpo para comercializar objetos de desejo (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). Fora os produtos que estão no mercado, existem também os corpos que aparecem na mídia, o corpo dos esportistas, dançarinos, os que estão presente em filmes, todos estes que possuem algum tipo de prestígio e dessa forma glorificado como ideal a ser seguido.

Os modelos corpóreos exaltados, também demonstram expressões, gestos, sentimentos e hábitos em que são consumidos pelos telespectadores criando segundo Mauss (1974 apud GOLDENBERG, 2006) uma “imitação prestigiosa”, dessa forma os indivíduos copiam atos, comportamentos e corpos que tiveram prestígio em sua cultura. No Brasil as mulheres mais prestigiadas são atrizes, cantoras e apresentadores de televisão. Para os homens em geral temos os esportistas, principalmente os jogadores de futebol. Tanto que em 2008 a revista estadunidense *Forbes* elegeu as 100 celebridades mais poderosas do mundo, entre elas estavam à modelo Gisele Bündchen e o jogador Ronaldinho Gaúcho (GOLDENBERG, 2010).

Figura 8 – Ronaldinho Gaúcho



Fonte: Vitrola (2008)

Figura 9 - Gisele Bündchen



Fonte: O segredo do corpo de Gisele Bündchen

Em uma pesquisa realizada nas camadas médias cariocas, foi perguntado:

O que você mais inveja em uma mulher? as respostas femininas foram a beleza, o corpo e a inteligência. Já para a questão: O que você mais inveja em um homem? eles responderam a inteligência, o poder econômico, a beleza e o corpo. Também com relação à atração entre os sexos, o corpo tem um papel fundamental. Ao perguntar: O que mais te atrai em um homem? as pesquisadas disseram a inteligência, o corpo e o olhar. Para a questão: O que mais te atrai em uma mulher?, os pesquisados responderam a beleza, a inteligência e o corpo. Quando a atração é sexual, o corpo ganha um destaque ainda maior. Na pergunta: O que mais te atrai sexualmente em um homem? as mulheres disseram o tórax, o corpo e as pernas. Já os homens para a questão: O que mais te atrai sexualmente em uma mulher? Responderam a bunda, o corpo e os seios (GOLDENBERG, 2010, p.118-119).

Os corpos das mulheres estão muito mais voltados para o olhar dos outros como objetos atraentes e disponíveis.

Outra pesquisa realizada pela *Happiness Brasil* teve como objetivo compreender a “cultura de felicidade” de homens e mulheres, também de segmentos médios das principais capitais do Brasil. Do material coletado não foi difícil encontrar o corpo como momentos que dariam momentos de felicidades aos entrevistados, no entanto as questões do que falta no corpo para serem mais felizes apareceram de forma mais óbvia. Foi citado casos de mulheres gordas, que deixam de comer e utilizam remédios na busca do emagrecimento. Mulheres com seios pequenos, que colocam prótese de silicone. Mulheres mais velhas e idosas pintam o cabelo e escolhem roupas visando aparentar mais novas. Há também homens que fazem lipoaspiração buscando se sentir melhor com o corpo para apresentar as mulheres. Homens magros que desejam ficar fortes. Homens que invejam outros por possuírem corpos atléticos, com abdômen de “tanquinho”.

Os principais objetivos hoje então passam a ter um corpo jovem na aparência e no vestir, tudo isso através de exercícios, dietas, cosméticos, cirurgias, entre outros. Cria-se um desejo e faz com que o corpo tente capturar ele.

3. SUPER HERÓIS: ORIGENS, CORPOS E FUNÇÕES

Um tema não convencional nas pesquisas acadêmicas – o mundo dos super-heróis – permite uma gama de perspectivas que vão além do entretenimento, sendo assim, abordaremos esse objeto não muito valorizado academicamente como um potencial para discussões que permeiam nosso cotidiano, seja com um viés romântico ou sociológico.

3.1. Breve história dos Super-Heróis

Como observa Viana (2011, p. 13), “o desejo do ser humano de ser livre significa vontade de superar sua pequenez produzida socialmente, e o super-heróis encarna inconscientemente esse projeto, bem como encarna seu contrário, a pequenez quando olhamos para sua face mais consciente e visível”.

Não há como entender o fenômeno super-heróis sem que entendamos sua função cultural e ideológica.

Tudo começou com dois jovens tímidos de Cleveland, nos Estados Unidos. De origem judaica, Jerry Siegel desde moleque era fã de ficção científica. Sua maior aspiração era se tornar escritor. No ensino médio, ele conheceu Joe Shuster, nascido no Canadá, mas criado em solo americano. Além da habilidade para desenhar, Joe tinha um interesse pelo fisiculturismo. A união das paixões de ambos, na hora certa, produziu uma revolução cultural que ecoa até hoje. Em algum ponto de 1935, a dupla foi responsável pela criação do Superman. E assim nasceu a indústria (ou seria a mitologia?) dos super-heróis. Ou, pelo menos, essa é a versão que os fãs de quadrinhos costumam propagandear. Há, contudo, um lado bem menos romântico acerca dos eventos que deram ao mundo a versão moderna dos deuses e semideuses gregos. E ela envolve gângsteres, trapaceiros do pior tipo e até mesmo pornografia. É uma grande ironia que os maiores defensores do bem tenham nascido de um meio em que a ética era tão dúbia, mas foi assim que aconteceu, naqueles estranhos anos do começo do século 20 nos Estados Unidos (NOGUEIRA, 2012).

Depois de oitenta e um anos, como pode ainda existir a necessidade de super-heróis em nossa sociedade? Quais são os super-heróis atuais e por que eles ainda inspiram muitas pessoas? Quais aspectos dos super-heróis atraem e fascinam as pessoas ainda hoje?

A paixão pelos filmes de super-heróis parece uma tendência cada vez mais forte. Há dez anos, era realizado um a cada dois anos, atualmente são lançados mais de três filmes por ano, a maioria se torna sucesso de bilheteria, arrecadando milhões de

dólares por todo o mundo. Os grandes estúdios continuam produzindo esses filmes porque eles sabem que o público vai assisti-los de alguma maneira.

Como explicar essa popularização e o sucesso desse gênero cinematográfico? Os super-heróis foram muito difundidos por meio das histórias em quadrinhos (HQ) e filmes e por isso os super-heróis têm influenciando até mesmo no modo de vida das pessoas. Todo super-herói tem um passado, e um número surpreendente deles devem essas origens aos mitos sobre deuses e heróis que existiram milênios atrás.

De acordo com Haynes (2015) “os requisitos para ser um super-herói são bem flexíveis. O Super-Homem é um alienígena; o Homem-Aranha foi picado por uma aranha radioativa; e Bruce Banner foi contaminado por raios-gama. Em outras palavras, são seres humanos comuns com um poder que lhes foi imposto”. As antigas civilizações usavam um recurso narrativo semelhante, mas com uma semidivindade como explicação, e não a ciência. Perseu, por exemplo, era herói por ser filho de Zeus. A Mulher Maravilha, assim como Hipólita e Penthesileia, é uma amazona e também uma semidivindade.

Os superpoderes de Bruce Wayne e Tony Stark são seus cartões de crédito ilimitados, o que também explica por que Agamenon – o menos heroico dos heróis – se preocupou tanto em conseguir uma recompensa maior do que qualquer outro herói grego durante a Guerra de Troia: dinheiro é poder (HAYNES, 2015).

Figura 10 – Batman



Fonte: Brunholo (2016)

Para os antigos gregos, heróis e deuses agiam como se fossem uma ponte entre aquilo que eles podiam entender e explicar e aquilo que lhes era incompreensível e inexplicável. E os heróis da *Iliada*, da *Odisseia* e da *Eneida* – os poemas épicos da Guerra de Troia e seu final – possuem uma conexão íntima com os deuses que dão

forma a suas histórias heroicas. Essa conexão com um poder maior que pode influenciar o mundo é um aspecto crucial de vários heróis. E essa característica em particular que dê ao super-herói um de seus atributos mais perturbadores: o individualismo excessivo, que os permite operar fora das leis comuns que regem a sociedade, e sempre acima da lei (HAYNES, 2015).

Para Viana (2011, p.15) “os super-heróis são produtos históricos e sociais como qualquer outra produção cultural”, ou seja, nada é do acaso, não surge uma ideia a partir da espontaneidade, ela possui uma influência, uma bagagem anterior, a depender de como está andamento da sociedade da época. Por exemplo, nos períodos da Revolução Industrial, houve mobilizações de trabalhadores que conseguiram diminuir a jornada de trabalho, com isso surgindo o tempo de “lazer”. Com esse “tempo livre”, houve a “liberdade” das pessoas desenvolverem habilidades esportivas, dando a possibilidade de surgimento de ídolos esportivos, heróis, modelos a serem seguidos, mais próximos daqueles apresentados no gênero de superaventuras, que segundo Viana (2005 p.15): “é aquele marcado pela existência de um universo ficcional povoado por seres superpoderosos, os super-heróis e os supervilões, sendo que o super-herói é aquele que possui qualidades sobrehumanas.”

Alguns dizem que o nascimento dos super-heróis alguns vem da mitologia grega ou nórdica, por exemplo, Shazam que possui iniciais de: Salomão, Hércules, Atlas, Zeus, Aquiles e Mercúrio, e também Thor, no caso de mitologia nórdica, no entanto os primeiros super-heróis não vieram da mitologia. Superman que é um dos primeiros super heróis é um caso, é um alienígena que possui superpoderes, Capitão América surge a partir de uma experiência onde recebe um soro que lhe permitiu obter forças além de um ser humano comum, tendo também um escudo como arma. Temos então uma origem de super-heróis associadas a eventos científicos e seres extraterrestres (VIANA, 2011, p. 18, 19).

Os avanços tecnológicos, o individualismo e a necessidade de homens fortes em períodos de crise, abrem espaço para a valorização do herói real, esse podendo ser alguém com destaque social e também do herói fictício.

“Os deuses antigos são superpoderosos, mas são vistos como verdadeiros por seus produtores e reprodutores até serem transportados para o mundo da ficção, enquanto que os super-heróis são reconhecidos como produtos fictícios, tanto por seus produtores quanto por seus leitores” (VIANA, 2011, p.19).

O que há de comum tanto nos fictícios quanto nos reais, é que são seres destoantes em comum as demais, em alguns casos únicos, sendo irreais, não havendo a chance de ter as mesmas habilidades excepcionais dos mesmos.

A necessidade do surgimento de super-heróis está ligada ao processo de crise do regime de acumulação intensiva, que vai da década de 1920 até o final da de 1930, e também das grandes guerras mundiais. As situações adversas que atinge a população nesse período, faz com que seres imaginários surjam para que haja a esperança em obter algum tipo de vitória. Já dizia Viana (2011, p.20): “No reino da ficção, a vitória é garantida e reconfortante; os justos sempre vencem...”. Temos então a justiça sempre a favor da população, pois os indivíduos que a ela pertencem se considerarão com a razão.

Voltando a falar sobre o Superman, vemos que foi uma resposta estadunidense a ideologia pregada pelo nazismo que existia a raça superior, ao mesmo tempo um encorajamento as pessoas da época (crise) que estavam em situações complicadas, sobretudo financeiras. Havia a mensagem através dele, que o indivíduo fosse forte, para que assim conseguisse suportar os desafios impostos pelo período. O personagem também pode parecer como alguém que quer libertar a agonia das pessoas, um libertador, que de certa forma pode ser uma vontade inconsciente somente demonstrada na atuação como super-herói, uma vez que ele possui uma dupla identidade, sendo a outra de um homem comum, trabalhador (VIANA, 2011, p. 21).

Capitão América, outro super-herói já citado anteriormente, apresenta uma postura semelhante à do Superman, que seria que nos momentos de crise entre as principais potências imperialistas, eles seriam seus representantes fictícios. Seus vilões, como Caveira Vermelha e Barão Nemo, além da maldade, possuem aparências de repulência, forma comum no ocidente de representar alguém que é considerado desviante socialmente (VIANA, 2011).

Os super-heróis são filhos de sua época e, por isso, tal como o Capitão América, são manifestações da axiologia, dos valores dominantes, vinculados às necessidades da classe dominante na época (VIANA, 2005 apud VIANA, 2011, p. 22).

Superman é o modelo exemplar de super-herói, papel que ganhou por ter sido o primeiro da longa linhagem de super-heróis que existem e nascem até hoje. Também é o modelo físico do super-herói, que expressa o indivíduo norte americano do sexo masculino (REBLIN, 2008 apud VIANA, 2011, p. 21).

A partir dos anos 60, a população jovem tem um crescimento principalmente na Europa, acompanhando esse fator há um aumento do poder aquisitivo por parte das pessoas também, surge então a necessidade da ampliação de um mercado com novos personagens, no caso super-heróis, com o intuito de atender necessidades artificiais, gerando um consumo de histórias de super-heróis com certa valorização e prestígio (VIANA, 2011, p.30).

Os avanços tecnológicos oriundos da Segunda Guerra Mundial, como por exemplo, as armas nucleares, também tiveram suas inserções no mundo das histórias em quadrinhos dos super-heróis. Os que surgiram com a década de 60, aqueles da Marvel Comics vem acompanhados de feitos de ficção científica tecnológica.

O Homem-Aranha é um jovem comum que ganha seus poderes devido à picada de uma aranha contaminada por radioatividade; o Quarteto Fantástico tem sua origem através do contato com raios cósmicos, o que foi provocado por viagem espacial; o Hulk surge graças à exposição do cientista Bruce Banner aos raios gama. (VIANA, 2011, p. 31).

Além deles, há o Homem de Ferro também que sofre um acidente e desenvolve uma armadura que é energizada graças à tecnologia que o deixa vivo.

Aos eventos da época como a Corrida Espacial e o desenvolvimento de novas armas, os super-heróis que possuem origens vindas de eventos que se inserem no meio dessas questões ficam com mais facilidade de serem aceitos.

Para o público juvenil que estava em ascensão na época, o Homem Aranha acaba sendo um personagem de identificação para os jovens. Isso se deve ao fato de Peter Parker, ser um jovem, estudante, tímido e alvo de chacotas na escola, logo então a representação foi grande.

Na capa do número 01 da revista do Homem-Aranha, ele aparece carregando uma pessoa pelo ar, segurando sua teia e afirmando: “Embora o mundo possa zombar de Peter Parker, o jovem tímido, logo se maravilhará diante do poder do Homem-Aranha”. Desta forma, o Homem-Aranha é a realização imaginária de um desejo inconsciente da juventude, o jovem real e o jovem ideal, Peter Parker e o Homem-Aranha. O texto da capa mostra justamente isso, o que o jovem é e o que ele quer ser (VIANA, 2011, p. 32).

Além dessas características, o Homem-Aranha durante seus combates, sempre tinha seu lado cômico, voltado para o humor e atrevimento, com piadinhas e sacarmos, que são características mais comuns na adolescência. Um pouco mais diferente de outros super-heróis como Capitão América, Superman, que tinham personalidades um

quanto diferentes do Homem-Aranha, os dois possuem uma forte influência escoteira e patriota, e todos carregam um sentimento de dever e de certo moralismo. O Homem-Aranha já apresenta situações mais complexas, situações do dia a dia das pessoas, defeitos e sentimentos (VIANA, 2011).

As características humanas então são sempre valorizadas, isso fez com que pudessem originar alguns com formação e essência humana, no caso Hulk e o Coisa, que possuem características que aqui enquadraremos como a de monstros, que em geral era próprio de supervilões, como Pinguim do Batman e Caveira Vermelha do Capitão América (VIANA, 2011, p. 34).

Há outro grupo de super-heróis, conhecidos como os X-Men onde no universo que eles estão inseridos, os mesmos sofrem preconceito devido as seus aspectos mutantes, podendo ser visíveis diretamente ou não. O líder do grupo é o Professor Xavier, um mutante nível ômega, cadeirante, com poderes telepáticos, ele diz que os humanos possuem medo do diferente, e a razão disso seria pela falta de conhecimento (SIERPINSKI, 2015).

Além disso, os X-Men atuam como grupo que defende as minorias e os excluídos, eles “podiam ser adolescentes, gays, negros, irlandeses. Podiam representar qualquer minoria, representar o que sentia qualquer renegado” (MORRISON, 2012, p. 205, 2015) de modo que suas histórias já tiveram relação com o movimento negro e LGBT entre outras abordagens que trabalharam com a ideia de defesa das minorias (SIERPINSKI, 2015, p. 24).

Um das personagens desse grupo é a Tempestade, criada em 1975, um super-heroína mulher e negra. Outros personagens negros também foram criados tanto pela Marvel quanto pela DC Comics.

“...entre eles Luke Cage e Falcão, ambos personagens negros. A criação de personagens negros, que já existiam na Marvel, tal como Pantera Negra (1966) e Falcão (1969), que passa de criminoso para ajudante do Capitão América. A origem, na ficção, de Luke Cage e Falcão é o Harlem, bairro negro norte-americano, e ambos são, inicialmente criminosos. Já o Pantera Negra, é um príncipe de um país africano. Porém é a partir de 1970 que Luke Cage (1972) aparece e o Pantera Negra passa ter aventuras próprias... A DC Comics também cria diversos super-heróis negros: Vikin, o Negro (1971); Núbia, a irmã negra da Mulher Maravilha (1973); o Lanterna Verde reserva que era negro John Steward; Black Lightning – Raio Negro (não confundir com o outro Raio Negro da Marvel Comics, líder dos Inumanos, e , muito menos, com o super-herói brasileiro homônimo), entre outros (VIANA, 2011, p. 38).

Toda essa gama de super-heróis negros acompanha o movimento negro dos anos 1960, com as lutas sociais em ascensão o mercado dos quadrinhos também foi ocupado pelos negros.

3.2. O corpo dos super-heróis

Esse corpo negro também tem sua marca no esporte. Grandes esportistas são negros como: Pelé, Michael Jordan, Anderson Silva, Muhammad Ali, Jesse Owens, Lewis Hamilton. No entanto há uma naturalização na sociedade do indivíduo negro como atleta, onde ele, seu corpo, conseguem inúmeras façanhas, que outros não negros não chegariam. Esse fato se dá, pois, a população negra de origem escravocrata, por muitas vezes só tinha como o esporte um processo de ascensão social, no entanto comparar o fenótipo negro a algo que beneficiaria na genética esportiva, é um discurso grave e perigoso (OLIVEIRA, 2008).

Essa possibilidade de ganhos sociais faz com que se cria a espetacularização sobre um determinado corpo, onde sua valorização está voltada para atitudes apresentadas por seus movimentos, ou mesmo pela sua imagem durante a execução de suas tarefas, no caso a prática do desporto. Ainda mais com a indústria da comunicação em ascensão a possibilidade de que pessoas vejam tais ações pode ser maior ou mesmo igual a do que no caso dos super-heróis presentes nas histórias em quadrinhos. Chegamos então à exaltação de algo pela sua publicidade, não por um efeito necessariamente subjetivo espontâneo, há outros fatores que acabam influenciando os gostos pelo quem glorificar.

Mesmo que todo esse marketing esteja em alta, a aparição de pessoas negras, como por exemplo, em filmes de super-heróis é pequena, ainda há a predominância de personagens brancos. No caso dos deficientes também, mesmo o Professor Xavier sendo o líder dos X-men, ele não é o que tem mais aparição, nos filmes da série que vem sendo lançados desde os anos 2000. Isso não é diferente nos paratletas, em geral para que você consiga atingir alto rendimento, se deve muito mais a um fator de esforço pessoal e/ou das famílias do que oportunidades e em investimentos na área.

A falta de políticas públicas e empresariais com este setor motivou a criação da Lei Agnelo Piva em 2001. Nela 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país são repassados ao Comitê Olímpico Brasileiro (85%) e ao Comitê Paraolímpico Brasileiro (15%) (MAUERBERG-DECASTRO; TAVARES 2011).

A diferenciação no investimento já mostra a prioridade que as autoridades dão para atletas não deficientes, isso não se diferencia nos meios de comunicação em massa, em que a exibição de eventos esportivos com atletas deficientes é quase inexistente comparados aos que não possuem. Dessa forma já vemos que um corpo com algum tipo de deficiência não tem mesma possibilidade de ser glorificado como os que não têm.

“No corpo dos super-heróis, encontram-se os modelos e padrões da cultura dominante. Por um lado, é um corpo axiológico, mas também contextual, pois ele mantém as características de uma época específica, que mudam com o tempo, como pode ser verificado numa comparação entre os corpos do Super-Homem e do Homem-Aranha, bem como do próprio Homem-Aranha, em seu ano de concepção e o período atual” (REBLIN, 2008, p. 61). A axiologia se manifesta diferentemente em épocas diferentes, já que ela é “uma determinada configuração do padrão dominante de valores” (VIANA, 2007b) e por isso o super-herói vai possuir aparência física distinta em épocas distintas, sendo, portanto, manifestações axiológicas de cada época histórica. Mas existem outras determinações na produção da aparência física do super-herói e, por isso, seu caráter axiológico depende de um estudo concreto (determinado super-herói em determinada época, por exemplo) (VIANA, 2011, p. 39).

A cultura dominante não é feita de pessoas negras, nem deficientes, sendo assim o que vai prevalecer enquanto essa cultura não se alterar são super-heróis homens e brancos, de orientação sexual hétero.

Desde que o ser humano existe, a forma pelo qual ele se relaciona com o mundo é através do seu corpo, e este é um dos elementos importantes nas histórias de super-heróis estadunidenses. O corpo nessas histórias sempre está associado a poder, seja por meio de cenas de combate, de violência, de transformações ou mesmo de conversas. A simbologia, o olhar, para algo que demonstra poderes, provavelmente venha com a ideia de respeito ou por vezes a de medo pode estar incluída também, dependendo em qual posição social você está (VIEIRA, 2008).

O corpo, segundo Foucault (1987) é um instrumento pelo qual se exercem os poderes, esses poderes no caso dos super-heróis podem estar associados a códigos internos, ou mesmo que se aproximem de leis e morais que visam adaptar o corpo, transformar, impedir ou mesmo reprimir e submeter a condutas ou práticas disciplinares, isso podendo ser no seu em si, no seu corpo ou em outros. Com essas ações os corpos dos super-heróis ou outros que interagem com ele, podem se tornar

cada vez mais automático e inconsciente, de maneira que se faça a manutenção da “ordem social”.

A questão dos corpos dos super-heróis nos quadrinhos vem de encontro com a identificação por parte dos seus leitores, sobretudo os homens, em que a masculinidade é construída socialmente não apenas com o que ele se encontra como semelhante, mas também pelas diferenças (CONNEL, 2005 apud BEIRAS et al, 2007).

“Na discussão da corporeidade masculina nas HQs, partimos de uma análise crítica da construção do corpo. Concebido aqui como “objeto social e discursivo... vinculado à ordem do desejo, do significado e do poder”, o corpo carrega em si todo um arremate de significadores que produzem e re-produzem a ordem social estabelecida (GROSZ, 2000, p. 77 apud BEIRAS et al, 2007).

Para Connel (1997 apud BEIRAS et al, 2007) existe uma relação de poder, na qual existiria uma “masculinidade hegemônica”, ou seja, seria uma posição dominante dos homens sobre as mulheres, que seriam as subordinadas.

Ainda sobre o personagem do Superman, vemos que no seu próprio nome já vem o ideal de um homem mais que todos, em que além de suas grandes capacidades físicas, este teria um grande caráter. O “Homem de Aço”, como é popularmente conhecido, sendo um “exemplo máximo de poder sobre a matéria, um poder conveniente associado à moralidade e à sabedoria de seu uso (BEIRAS et al, 2007)”.

Batman que compete popularidade com o último filho de Krypton, não possui nenhum super-poder, desenvolveu o máximo de suas capacidades, físicas, habilidades motoras, todo seu intelecto e inteligência com o aparato financeiro e tecnológico herdado de sua família. Sua apresentação, por vezes é associada ao terror, algo em geral empregado pelos vilões, no entanto ele se distingue do mesmo nunca sacrificando uma vida humana e determinado por um sentimento de justiça (BEIRAS et al, 2007).

Os dois super-heróis apesar de apresentarem aspectos corporais próximos, apresentam duas representações de masculinidade. No caso chamamos atenção ao nível de violência empregada aos seus inimigos que seria inversamente proporcional ao seu nível de poder. Superman que possui poderes sobre humanos resultados da sua origem extraterrestre com fatores ambientais presente no planeta, é muito mais tolerável com seus inimigos do que em comparação ao Batman, que seria mais vulnerável que ele. Batman que possui a força de um humano, usa de artifícios que provocam a dor e o medo aos seus adversários, diferente do outro super-herói citado anteriormente. Essa

diferença pode estar relacionada à tese de Merserschmidt (2000) sobre masculinidades e violência como forma de nivelar a falta de poder nas relações diárias. O mesmo autor levanta uma questão de impotência nesse ponto, na qual a masculinidade é colocada em dúvida. Em que Superman, através de sua educação dada por seus pais adotivos na Terra, permite-se não usar seus super-poderes de forma violenta, já o Batman, com seus limites humanos e por ser órfão, precisa recorrer a violência em suas atuações (BEIRAS et al, 2007).

A representação desses super-heróis como bem musculosos, entraria a questão de eles serem os centros das atenções, diferenciando-se de outros personagens que também fazem parte de seus universos, como os coadjuvantes. A de exemplo o mordomo do Batman, o Alfred, um senhor de cabelo branco e magro, sendo distinto da aparência do Homem Morcego. Elementos estéticos são partes das características dos super-heróis, as composições corpóreas são apresentadas de forma simétricas, dentro dos padrões considerados socialmente tanto da beleza quanto do saudável. Os corpos dos vilões mesmos que masculinos podem apresentar também grandes músculos, como no caso Apocalypse (que em uma das histórias mata o Superman) e o Bane (que quebrou a coluna do Batman), no entanto eles têm que se diferenciar dos heróis, demonstrando sua vilania também na aparência, no caso Apocalypse, apresenta “afiadas protusões ósseas que emergem de suas articulações”, Bane possui “tubos intravenosos que injetam uma droga anabolizante da qual é dependente”. Notamos que ocorre uma necessidade para diferenciar os vilões dos heróis, onde os primeiros ficam com aparências por vezes grotescas, cicatrizes ou alguma deficiência física (BEIRAS et al, 2007).

Muitos dos valores e significados sociais de boa conduta, ou do certo a se fazer, acabamos por identificar nos corpos desses super-heróis de forma que qualquer um que não seja homem, branco, musculoso, forte, sendo determinado por um sentimento de justiça e honra, não tem a mesma credibilidade com aqueles que possuem as citadas anteriormente. Qual a seria a imagem dos gordos e magros nesse contexto? Em geral como já dissemos seriam vilões, quando não como no caso de Doutor Druida, que fazia parte dos Guerreiros Secretos da Marvel, teve que entrar “em forma” para fazer parte da equipe (FURQUIM, 2016).

Figura 11 – Doutor Druida entrando em forma



Fonte: Furquim (2016)

Há pontos nas características dos desenhos de super-heróis que são mantidos até hoje, e todos eles seriam formas de mostrar e reafirmar uma superioridade dos heróis masculinos, como os queixos quadrados e largos, corpo grande quando comparado aos demais personagens secundários e a musculatura ressaltada. O que se destaca mais é o corpo grande e os detalhes nos músculos que foram mudando muito ao longo das histórias em quadrinhos (SILVA, 2014).

Figura 12 - Batman: de forte a halterofilista



Fonte: Silva (2014)

A característica do peitoral largo foi ganhando notoriedade nos super-heróis dos quadrinhos a partir das influências de filmes da década de 80. Na década seguinte, a de 90, os heróis ganharam corpos cada vez mais volumosos, esses aspectos vieram principalmente pelas mãos dos desenhistas “Jim Lee e Rob Liefeld, que representavam

os heróis como halterofilistas (no caso do primeiro) e como monstros desproporcionais, no caso do segundo” (SILVA, 2014).

A necessidade de os super-heróis também serem heterossexuais é fortemente notada nas revistas em quadrinhos, não apenas de uma relação de namorados, mas de cenas “sexuais semiexplícitas”, como no caso do Batman com a Mulher-Gato (SILVA, 2014).

Figura 13 – Batman demonstrando sua heterossexualidade



Fonte: Silva (2014)

Na faceta heroica, percebe-se que as características ocultas são justamente aquelas que expressam a vulnerabilidade, o que pode ser entendido como um reflexo do medo do não-masculino permeando essas narrativas. Assim, as revistas em quadrinhos encenariam continuamente uma ambivalência de masculinidade, vivida pelos super-heróis como máscara, levando-os manter duplas identidades, a fim de ocultar certos atributos e expressar outros de forma enfática (BEIRAS et al, 2007).

As relações amorosas é algo comum nas histórias de super-heróis, em alguns casos como o do Lanterna Verde, Kyle Rayner, que teve sua namorada esquartejada, não encontrou problema para ter relações futuras. Diferente de Ciclope que no caso quando perdeu sua companheira, Jean Grey, se envolveu com Emma Frost, mas as lembranças do antigo relacionamento era uma constância (SILVA, 2014).

Tendo então que a força, o corpo e o uniforme definem os super-heróis masculinos, temos por características nas mulheres, a sensibilidade, exposição e sexualização dos corpos em uniformes sensuais (SILVA, 2014).

Na Era de Ouro que se refere às produções de histórias em quadrinhos de 1938-1955, onde se tem o surgimento dos principais super-heróis até os dias de hoje, segundo Sierpinski (2015) a mulher era vista como a “donzela em perigo”, em que sua posição

era mostrada como a de alguém frágil necessitando da ajuda de algum sujeito, no caso um super-herói, mais uma vez de características masculinas (SILVA, 2014).

A Mulher Maravilha foi criada em 1941 pelo psicólogo William Marston, em 1943 o mesmo escreveu que nem as garotas queriam serem tais, devido ao arquétipo de garota estar relacionado à ausência de força e poder, sendo assim o autor decidiu criar uma personagem feminina com toda força de um super-homem, mas com todas as características de atração de uma bela mulher (SILVA, 2014).

Temos então a força como uma característica que toda mulher deva ter, nesse ponto talvez estivesse empoderando as mulheres leitoras e a personagem no caso, no entanto ela devia continuar vista com características comuns atribuídas as mulheres como carinho, afeto, submissão e promotora da paz (SILVA, 2014).

O amor uma das características mais comum atribuídas as mulheres, não fica distante no mundo dos quadrinhos, como por exemplo no caso das Tropas das Safiras Estrelares, que foi quando o universo dos Lanternas Verdes se expandiu e assim descoberto que a energia verde movida pela vontade não seria única no universo. O verde seria uma das forças que ficaria no meio do espectro, sendo assim mais fácil de controlar, as que ficam mais as extremidades os usuários teriam mais dificuldade, por exemplo, a ira que está em uma das extremidades representado pela cor vermelha, e na outra extremidade encontramos a cor violeta, representando o amor, e as portadoras do anel são chamadas Safiras Estrelas, sendo todas mulheres (SILVA, 2014).

Os corpos femininos também passaram por mudanças no seu tamanho durante o decorrer do tempo das histórias em quadrinhos, além disso, as posturas que as mulheres se encontram são hipersexualizadas e erotizadas sendo mais comuns na década de 90, sendo que alguns casos acontecem até erros anatômicos como intuito de manter a mensagem da imagem (SILVA, 2014).

Figura 14 - A famosa “voadora de perna aberta” da Psylocke.



Fonte: Silva (2014)

Devido à representação das personagens femininas estarem voltadas para a erotização, foi criado um movimento questionando tal visão. A “Iniciativa Gavião Arqueiro” retrata esse personagem em situações, poses em qual se encontram as mulheres nas histórias em quadrinhos, levando uma discussão acerca dos papéis de gêneros dados nas superaventuras (SILVA, 2014).

Figura 15 - Gavião Arqueiro em pose de personagem feminina



Batwynn (2015)

Como podemos observar nas fotos anteriores vemos que os uniformes também possuem a função de sensualizar a personagem. Muitas vezes ele não possui nenhuma característica de proteção, ou mesmo de não mostrar a identidade da protagonista. Alguns deles fica difícil associar uma intenção prática, como por exemplo, o salto alto (SILVA, 2014).

Figura 16 – Canário Negro e seu salto alto

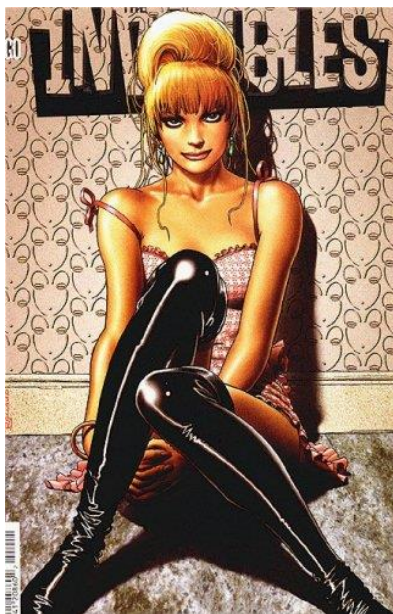


Fonte: Silva (2014)

A visão a qual é empregada às personagens femininas nas superaventuras tem haver que a maiorias dos profissionais que trabalham no ramo são homens, sendo assim mostram uma visão limitada sobre as mulheres. Em alguns casos mesmo quando se colocou roteiristas mulheres como Duane Swierczynski e de Gail Simone para *Birds of Prey* (por exemplo) reproduzem estereótipos e as mesmas marcações de gênero. Em contrapartida em “*Os Supreendetes X-men*” uma das personagens principais é Kitty Pride, a Lince Negra, diferente do que acontece na maioria das histórias em que ela é uma protegida do Wolverine (SILVA, 2014).

Nos quadrinhos também houve personagens que procuraram escapar do binarismo homem-mulher, no caso seriam personagens transgêneros. Apesar de dar visibilidade alguma camada social que sofre preconceito, a invisibilização destes nas superaventuras e o pensamento na questão de gênero e sexualidade na forma de homem-mulher é grande. Das poucas personagens transexuais que se encontra nas histórias em quadrinhos, uma que ganha destaque é Lord Fanny, da revista “*Os Invisíveis*”, de Grant Morrison. Ela é uma das integrantes mais fortes do grupo de magos e feiticeiros que compõem, sua sexualidade é explorada sempre em conexão com o desenvolvimento de sua personalidade (SILVA, 2014).

Figura 17 - Lord Fanny, os Invisíveis n.2.



Fonte: Silva (2014)

O fato de mostrarem super-heróis que fogem do padrão heteronormativo, masculino e branco, além de dar voz as pessoas que não se enquadram nessas questões, pode fortalecê-las também, já que socialmente são oprimidas, sendo assim temos uma questão de representatividades através dessas personagens.

A falta de liberdade na sociedade contemporânea cria o desejo de liberdade, de poder (não no sentido de dominação e sim de potência). Entretanto, este desejo é reprimido e não se manifesta na consciência coletiva, mas tão somente no inconsciente individual e coletivo. O desejo reprimido de liberdade, de ser livre e superar os limites impostos pela sociedade repressiva, encontra no mundo dos super-heróis uma de suas formas de manifestação mais espetaculares. Estes rompem com os limites impostos, combatem a injustiça (embora a ideia de justiça que se passa é mais a ditada pela consciência do que pelo inconsciente), defendem os “fracos e oprimidos” – que são aqueles que continuam submetidos à opressão – etc. Desta forma, a superaventura é, em parte, manifestação do inconsciente coletivo e é por isso que ela (e não só ela como também os heróis comuns) tem um público tão grande. Revela-se aí o potencial emancipador das aventuras dos super-heróis ao manifestar o desejo reprimido de liberdade (VIANA, 2005, p.60-61 apud VIANA, 2011, p. 110).

3.3. Funções ideológicas e sociais

O sentimento de incapacidade das pessoas faz com que elas vejam nos super-heróis um tipo de identidade que queriam ter, já que devido as suas outras ocupações não é possível. O prestígio e o ajudar o próximo que são fatores glorificados socialmente, ganham forma no campo das ideias de cada um que pertence a sociedade,

sendo assim a necessidade de apresentar alguma capacidade, vindo por um poder, mostrando uma visibilidade ou possibilidade de aumentar seu papel social, é fundamental para toda sociedade, no caso toda classe trabalhadora e setores oprimidos, que estão presos em seus trabalhos, nas suas vontades, ou mesmo nos seus corpos, que estão presos a grandes estruturas, que os vigiam e punem. Por isso a necessidade da movimentação, para se libertar dessas amarras e das correntes que prendem eles.

Na vida real será que poderiam existir super-heróis? Provavelmente aqueles com superpoderes que encontramos nas histórias em quadrinhos não. Mas há aqueles que buscam por justiça na tentativa de fazer o mundo um local melhor para se viver. Um desses movimentos acontecem nos Estados Unidos, sendo representado pelo *Real Life Superhero* (RLSH), que é uma rede de super-heróis com filiação de 60 super-heróis e conta com de 800 colaboradores na internet. Os membros afirmam ter um papel que se coloca entre o exercício da cidadania e a segurança pública, tendo como função ajudar os desabrigados e arrecadar fundos para caridade. Todos que pertencem ao grupo são pessoas comuns, que trabalham e/ou estudam, mas quando possuem suas horas vagas se vestem de super-heróis e vão patrulhar as ruas, buscando para além de ajudar algum necessitado, algum tipo de experiência que tenha aventura e reconhecimento das suas atitudes (COSTA; FRANCO; LEÃO, 2014).

Toda essa mobilização vem alimentada além das superaventuras dos super-heróis dos quadrinhos, também devido à inatividade do poder público frente a questões sociais, com o intuito de ajudar os menos favorecidos, dessa forma algumas pessoas assumem essa missão, como diz Thanatos: “Eu quero inspirar as pessoas a dizerem. Eu posso fazer algo” (GOLD, 2011 apud COSTA; FRANCO; LEÃO, 2014). Mais uma vez vemos a questão de ser inspiração para as pessoas, buscando também uma satisfação interna, essa que só pode ser realizada fora das outras questões que costumam prender as pessoas, como o trabalho, estudos, leis e compromissos. Aqui temos algo voluntário, muito diferente da ação de um policial, que é determinado pela lei, quem define as ações dos super-heróis da vida real são eles próprios, óbvio que sofrendo toda uma influência das suas vivências até os dias de hoje, porém não necessariamente preso a algo burocrático como as forças de segurança estão.

Todas essas regras, leis, códigos e burocracia são aplicados por um Estado² (governo), e as atitudes de luta dos super-heróis nesse caso causariam certo confronto

² Diferente do conceito de Hegel exposto em *Princípios da filosofia do direito*, em que ele considera o Estado como a materialização do interesse geral social, portanto estaria acima dos interesses particulares,

com essa ordem. O que está em jogo é a sua liberdade de atuação, e sua aparência. Thanatos diz que: “Tenho liberdade praticamente absoluta”, além, é claro, “de vestir uma roupa legal” (COSTA; FRANCO; LEÃO, 2014). No entanto, com essa intervenção, sabemos que não altera o funcionamento social, acaba entrando em questões assistencialistas e pontuais. A questão mais importante para os participantes dessa rede é que eles possuem um próprio senso de justiça, Phoenix afirma: “Eu simbolizo o fato de que a pessoa comum não tem que andar e ver coisas ruins sem poder fazer nada” (UOL NOTÍCIAS, 2011).

As intervenções nas questões de segurança pública deixa a polícia tensa, em algumas atuações não obtiveram sucesso, sendo que há casos que ocorrem prisão dos próprios super-heróis. Phoenix Jones, apesar de já ter sido preso, diz que “não há nada errado com os cidadãos se envolverem com o processo de justiça criminal – desde que eles persigam isso [a justiça] durante todo o tempo” (UOL NOTÍCIAS, 2011).

Os policias também já tiveram sua experiência nas histórias em quadrinhos. No Brasil, no estado de São Paulo, o vereador Coronel Telhada (PSDB) utilizou a verba pública do seu gabinete, R\$ 49 mil, para narrar suas histórias na época em que era policial (SPRESSOSP, 2014). No entanto essa atitude recebeu inúmeras críticas, além de fazer algo de cunho pessoal, utilizou dinheiro público e o tal Coronel Telhada é responsável por aumentar em 60 % os números de mortes na sua gestão na ROTA (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar), aponta o artista Vitor Teixeira, que satirizou a história em quadrinho de Telhada (CARVALHO, 2014).

Figura 18 e 19 – Versão original e satirizada das histórias do Coronel Telhada



Fonte: Redação (2014) e Carvalho (2014)

Vemos que a Polícia no caso não seria a melhor solução para diminuir o número de casos de violência. O aumento no número de mortes, ou de prisões não quer dizer que as contradições sociais vão diminuir e a partir disso a sociedade continuará melhor. Pelo contrário isso só faz com que a sociedade se mantenha do jeito que está podendo fortalecer ainda setores repressivos, como a indústria de armas e prisional.

O filme Batman – O Cavaleiros das Trevas Ressurge (The Dark Knight Rises), apresenta em seu início o Homem-Morcego, afastado de sua principal ocupação, já que com a criação da Lei anti-crimes, as forças de segurança da cidade dão conta do recado. No entanto, quando um surge um mal maior, no caso, Bane (vilão), Bruce Wayne se sente obrigado a colocar máscara e capa novamente para salvar a cidade.

No filme ocorrem alguns diálogos de confronto entre Bruce Wayne, quando o mesmo volta a investigar um roubo em sua mansão, e Alfred, seu mordomo, que cuidou dele a vida inteira:

Bruce: “No mundo nada me interessa.”

Alfred: “O senhor pendurou a capa e capuz, mas não seguiu em frente. Nunca procurou uma vida, achar alguém...”

Bruce: “Alfred, eu já achei alguém.”

Alfred: “Eu sei, e a perdeu, mas faz parte da vida, Patrão... O senhor não está vivendo, só está aguardando na esperança de tudo voltar a piorar.”

Outro diálogo de confronto entre os dois que nos chamou atenção, ocorre quando Bane já está na cidade:

Bruce: “Se esse homem for tudo que diz, a cidade precisa de mim.”

Alfred: “A cidade precisa de Bruce Wayne, seus recursos, seu conhecimento, não precisa de seu corpo ou da sua vida... esse tempo já passou.”

Bruce: “Você tem medo se eu voltar lá eu fracasse?”

Alfred: “Não, eu tenho medo que o senhor queira”.

O mesmo acontece com o Capitão América, na animação, Os Supremos, em que este permaneceu anos congelado, e ao voltar deste processo, não sabe o que fazer:

Capitão América: “Todos que eu conheci... Todos que eu gostava... Se foram”.

Nick Fury: “ Você não perdeu tudo, ainda tem o seu país e mais do que nunca precisamos de você”.

Chegamos a um ponto que as pessoas e os personagens só se sentem úteis realmente salvando as pessoas do perigo real, e imediato. Mesmo Bruce Wayne, herdeiro de uma família bilionária, poderia ajudar em muitas das diferenças de riquezas entre as pessoas, não faz isso. Algumas máximas que vem da própria sociedade, se reproduz nas superaventuras, como trabalhar, enriquecer, e a partir disso ajudar os outros, mas nunca perdendo seus privilégios.

Deste fator de insegurança de vida na sociedade violenta presente nas superaventuras encontramos o porquê os super heróis se sentem úteis, a questão de dever, guardar, proteger, sacrificando-se de maneira útil a sociedade é o que está em jogo (VIEIRA, 2008). E é essa questão de utilidade, que seja visível que está em discussão. A impotência política e o anonimato social alimentam a necessidade de consumir as superaventuras, sendo as mesmas uma forma de suplemento-complemento para conseguir continuar vivendo, já que esse universo imaginário não é possível na realidade (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.83). Temos a partir desta interpretação que deveriam existir corpos salvadores, corpos a serem combatidos e corpos a serem salvos, tendo eles uma funcionalidade orgânica como se fosse parte do dia a dia da sociedade (BEIRAS et al, 2007).

Palmer-Mehta & Hay (2005 apud BEIRAS, 2007 et al) diz que as características dos super-heróis estadunidenses continua sendo predominantemente a de homens brancos. Enquanto mulheres são encaixadas na maioria dos casos como coadjuvantes, saudáveis e atraentes ou velhas e frágeis, difícil encontrar alguma que tenha protagonismo como a do homem.

Certamente somos atraídos por heróis e super-heróis porque eles elevam a condição humana – e o fazem justamente porque atuam em um plano ligeiramente desumano. Os heróis são como nós, mas potencializados: mais fortes, mais inteligentes, mais rápidos. Eles sofrem das mesmas fragilidades humanas que nós, mas por causa de seus superpoderes, esses conflitos internos se tornam aparentes em uma arena mais dramática do que a nossa. Os super-heróis impõem ordem em um mundo caótico, que

parece estar sempre tomado por forças nefastas (de desastres naturais a supervilões), que nós, simples mortais, não conseguimos identificar – muito menos combater (HAYNES 2015).

Eles representam um ideal a ser alcançada como a bravura, a honra e a lealdade. Além disso, o herói não luta para si mesmo, luta em defesa dos mais fracos e mesmo com suas limitações ele não recua.

Para Beiras et al (2007),

Ao mesmo tempo refletindo e construindo realidades, as Histórias em Quadrinhos de super-heróis ganham vida na imaginação de seus leitores, estabelecendo fortes ligações com o mundo cotidiano destes. A exemplo de outras mídias, as HQs frequentemente se prestam a representar ideais, valores, normas e padrões de conduta da sociedade de consumo, que servem à manutenção dos poderes instituídos; ainda que, por vezes, também sirvam à denúncia destes mesmos mecanismos. A construção dessas narrativas está diretamente ligada à experiência concreta de seres humanos –seus autores e editores, em relação com a comunidade leitora – (re)produzindo determinadas formas de existir e funcionando como mediação do real.

Isso remete a questão da função cultural e ideológica dos super-heróis: um corpo musculoso, forte e viril, tal como os dos super-heróis, segundo Beiras et al (2007), vem historicamente se tornando o referencial de corporeidade masculina, enquanto corpos que desviam deste padrão são comumente satirizados ou mesmo excluídos da mídia. Segundo padrões normativos da atualidade, músculos são indicativos de masculinidade (GLASSNER, 1989 apud BEIRAS et al, 2007), atestando um ideal de força e virilidade, potencializado pela mídia sobre o imaginário de jovens homens.

Masculinidades são aqui entendidas como construções históricas e sociais, como um conjunto de atributos que significam o masculino. Da mesma forma, corporeidade é entendida como um espaço social, significado a partir de elementos sócio-históricos e culturais que dão sentidos e inteligibilidade ao corpo (BEIRAS ET AL, 2007).

Segundo Santaella (2004, p. 126), “são, de fato, as representações nas mídias e publicidade que têm o mais profundo efeito sobre as experiências do corpo”. Essas representações criam existências corpóreas, que se tornam objeto de sonhos e desejos.

Esses objetos e desejos são materializados por meio de medidas e ações corpóreas em uma categoria que podemos considerar “irreal”. Isso tudo devido à condição material que a maioria das pessoas se situa, a vista que a sua vida é dedicada

ao trabalho, a maioria encontra nos seus momentos de lazer, imagens de corpos performáticos sendo exibidos nas grandes mídias. Essa exibição e logo uma valorização do “produto” pode acabar por influenciar quem a está observando, gerando uma necessidade de aquisição dele, ou mesmo se transformar em tal, podendo servir também de padrão para outro indivíduo a buscar seguir esse modelo, gerando então uma reação em cadeia.

4. ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, iremos ao mesmo tempo analisar os dados coletados por meio de pesquisa bibliográfica e documental (sites e blogs) e apresentar nossas considerações finais a respeito das questões que nos propusemos a investigar. Serão essas mesmas questões que conduzirão nossa análise a partir das categorias centrais de nosso discurso, que são: o corpo, seu percurso histórico-cultural e sua coisificação na contemporaneidade, o corpo dos super-heróis, a função social dos super-heróis, os super-heróis da atualidade.

4.1. O corpo e seu percurso histórico-cultural

Conforme apresentado anteriormente, vemos que o corpo passou por diferentes tendências ao longo da sua história, em que todas elas influenciam os corpos da atualidade. Ao recapitular o que foi aqui apresentado, tendo como primeiro contato o corpo na pré-história, vemos a objetificação do corpo feminino desde os primórdios, fato altamente presente nos meios de comunicação em massa. A figura humana, seu corpo, esteve sempre retratado em imagens e monumentos, sendo motivo por exaltação e adoração, que podia ser feito por meio da observação ou rituais, sendo religiosos, festivos e jogos. A estes corpos eram atribuídas histórias de deuses, semideuses, heróis, líderes e atletas, todas essas são posições de referência, de valores. No entanto, nesse período também tivemos um corpo calado, pecador, na qual a sua valorização só poderia vir por intermédio do castigo. Temos nesse período, que o foi o da Idade Média, o corpo de Cristo, como aquele que deveria ser admirado, mas era o corpo do sofrimento, algo que chega a ser um tanto contraditório, já que dores contra si em geral não são sinônimos de prazer.

A glorificação dos corpos seja por meio da sua exibição ou do seu ocultismo, sendo reverenciado apenas na dor, é algo que esteve presente na história humana, chegando até os dias de hoje.

4.2. A exaltação do corpo na contemporaneidade: coisificação e mídia

Com o avanço das tecnologias, tivemos o avanço das informações, com estas temos o acesso a inúmeras imagens corpóreas, sendo divulgadas pelos meios de comunicação em massa. Essas inovações também permitiram os corpos se desenvolverem de outras formas. Ocorrem outras formas de comércio em cima dos

corpos, influenciando sobre estes, alimentação, dietas, exercícios, estéticas, cirurgia, todas essas práticas e negócios, difundidas na televisão, na internet que são lugares de destaque e que atingem uma grande população, que apontam algum destaque na vida das pessoas, em que estas, por meio da sua subjetividade que é construída através de sua interação com o meio onde vive e também através de suas condições, decidirá o que fazer com esses dados, onde querendo ou não acabam por influenciar a sua imagem perante a si e perante aos outros.

Ao mesmo tempo em que a mídia dá grande atenção para os corpos e suas exibições e façanhas, seja por meio de filmes, programas de auditório, apresentações artísticas e competições esportivas, ela também possui a divulgação de religiões com origem cristã, aquela mesma da Idade Média que colocava o corpo como pecado, sendo assim a exibição de corpos que fogem ao padrão pregado pelo cristianismo, pode gerar certo tipo de julgamento, pois está fugindo daquilo que pra determinado grupo deveria ser o correto, um tipo padrão, comportamento e corpo.

4.3. O corpo dos super-heróis

Desde o surgimento das superaventuras, observamos um padrão corporal a ser seguido, visto como o bem-sucedido, algo que não é exclusividade apenas das imagens expostas nas superaventuras, mas em praticamente todos os meios de comunicação, que é a do homem, branco, hétero e forte. Qualquer um que fuja a esse padrão pode ser considerado secundário, ou mesmo desviante. Super-heróis negros, cadeirantes, gordos, magros, de opção sexual que não seja hétero e também as super-heroínas, não possuem a mesma fama que a do padrão principal. Os corpos que fogem desse padrão, muitas vezes podem ser encaixados como vilões, na qual a aparência está divergente perante o padrão, onde ocorrem vezes que chega ao grotesco. O corpo do super-herói nas superaventuras, na maioria das vezes, será diferente dos demais corpos que interagem com eles, seja do vilão ou de outros que necessitam ser salvos, o destaque sempre será o herói.

4.4. A função social dos super-heróis: por que precisamos deles?

A função social dos super-heróis pode estar associada a algumas condutas, uma delas poderia ser a sensação de patrulhamento ostensivo contra o crime, em que o foco não está em bandidos comuns, mas sim em super-vilões. A esses, a sua existência muitas vezes está associada apenas a figura de combate ao seu inimigo, o super-herói,

que no caso tem a função de proteger as pessoas, através das características que possui, seja sua super força, poderes, conhecimentos científicos e aparatos tecnológicos, para além de combate ao crime, o super-herói acaba que muitas vezes não tendo outra função. Outra sensação que o super-herói parece ter um privilégio é a de liberdade, todas as suas regras, autoridade moral, sua forma de atuar, roupas, é ele quem decide. Suas ações não necessariamente estão presas à lei, ou outra burocracia que em geral a maioria das ocupações, serviços e trabalhos as pessoas que as exercem possuem. Essa sensação de autonomia faz com que muitas pessoas se inspirem nos super-heróis, pois estes arriscam suas vidas para salvar a de terceiros, e com esse processo pode vir à admiração e satisfação, pois diretamente está na ajuda da pessoa, de uma situação de vida ou morte, e talvez esses riscos sejam os que mais chamam atenção, devido à monotonia da vida dos trabalhadores.

4.5. Os super-heróis da atualidade

Como dito no tópico anterior a sensação de fragilidade dos trabalhadores, devido às regras de sua atuação, associada com a ausência de qualidade de vida, faz com que não se possa esperar uma mudança ou inspiração partindo do próprio. O descontentamento com políticos que não governam para os seus eleitores, também ajuda nesse processo, para tentar nos confortar referente a isso, existem as grandes mídias que expõem seus conteúdos, como programas sensacionalistas, filmes com a temática de guerra e programas esportivos, em geral em horários que os trabalhadores estão voltando as suas residências, mas também existem desenhos com a temática de super-heróis, que são exibidos em períodos pré e pós escolar. Com essa alimentação de conceitos de pessoa e corpo a serem seguidos e as possíveis possibilidades que encontramos para realizar aquilo que se quer, muitos acabam querendo ser uma figura de destaque social, como por exemplo, um esportista com as suas habilidades ou famas, inspirando futuras gerações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho de conclusão de curso foi de relacionar os super-heróis de quadrinhos a um ideal de corpo presente na sociedade contemporânea. Os super-heróis têm influenciando até mesmo no modo de vida das pessoas e um dos aspectos que se ressalta nos super-heróis é um corpo extremamente musculoso.

A partir de nossa pesquisa vemos que em diferentes períodos históricos e civilizações existiram padrões corporais a serem seguidos, tendo sido nessas épocas também inspiradoras e modelos para tais. Na Grécia havia soldados, atletas e deuses, em Roma os gladiadores, na Idade Média as figuras de Cristo ou de Santos e no Renascimento obras que buscavam “melhorar a realidade” e a retomada dos valores da Grécia Antiga. Mesmo na Idade Média, em que as pessoas praticam a autoflagelação, tendo uma autodisciplina que hoje muitas pessoas evitam, esse método buscava pagar os pecados que haviam sido cometidos pelo corpo, assim como Jesus Cristo sofreu ao ser crucificado. Este fato pode estar relacionado com super-heróis que sofrem determinadas adversidades durante suas jornadas, tanto que em certos momentos em um enfrentamento direto podem sentir na pele e não conseguir resolver a problemática no momento, com isso deverão se preparar para que em uma próxima ocasião possam vencer a tarefa que a ele se apresenta.

Os estereótipos sobre o corpo formados nos dias atuais com indicam que sofreram influência dos períodos anteriores, não é a toa que está presente no dia a dia da maioria das pessoas, seja com academias de musculação próximas a sua casa, com o quanto as mídias dão atenção a eventos esportivos ou mesmo propagandas que te ensinam a ter o melhor corpo e aparência possível, através de dietas, cosméticos, instrumentos e etc. Esse fato pode promover as pessoas que aceitam e que conseguem se adequar ao “ideal”, criando para um mundo de aceitação e glorificação devido a sua conquista e a condição que aparenta. Os indivíduos que não estão nesta “norma” muitas vezes são vistos como diferentes, fator que pode provocar a exclusão de determinados grupos sociais. Vemos então que a lógica da indústria da beleza é lucrar ao qualquer custo, não importando se seus produtos e propagandas atingem de forma negativa as pessoas.

Com dito anteriormente por Viana (2011), o desejo de liberdade do ser humano significa vontade de superar sua pequenez produzida socialmente, e o super-heróis encarna inconscientemente esse projeto.

Se recorrermos à história, vamos ver que em todos os povos primitivos temos a presença de um herói, todos com características muito além do que um ser humano poderia ter, como uma grande força, corpo com notórios músculos e uma grande moral. Embora os requisitos para ser um super-herói sejam bem flexíveis, todos são seres humanos comuns com um poder que lhes foi imposto.

Fica evidente que os super-heróis são produtos históricos e sociais como qualquer outra produção cultural, ou seja, dependem de como está andamento da sociedade da época.

Os ascensos científicos e modernos, o individualismo e a necessidade de pessoas fortes em períodos de crise, abrem espaço para a exaltação do herói real, esse podendo ser alguém com relevância social e também do herói fictício, e daí a preponderância do corpo forte e esbelto da atualidade assim como a explicação do herói moderno ser uma figura de relevância na sociedade, como dito anteriormente, atletas com as suas façanhas e popularidade, podem entrar nesse enquadramento, inspirando então futuras gerações.

6. REFERÊNCIAS

AMUSCO, J. V. D. **Anatomia do corpo humano**. Roma. 1559. Gravura em cobre. Livraria Nacional de Medicina. Disponível em: <https://www.nlm.nih.gov/dreamanatomy/da_g_I-B-2-01.html>. Acesso em 13 mai. 2015.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena and COSTA, Maria Emília. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**. *Psicol. Soc.*[online]. 2011, vol.23, n.1, pp. 24-34. ISSN 0102-7182. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004>.

BEIRAS, A.; LODETTI, A. ; CABRAL, A. G.; TONELI, M. J. F.; RAIMUNDO, P. **Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma**. *Psicol. Soc.* vol.19 no.3 Porto Alegre Sept./Dec. 2007.

BATMAN - O CAVALEIRO DAS TREVAS RESSURGE. Direção de Christopher Nolan. Produção de Christopher Nolan, Charles Roven. Roteiro: Christopher Nolan, Jonathan Nolan, David S. Goyer. Música: Hanz Zimmer, Lorne Balfe. Estados Unidos, Reino Unido: Warner Bros. Pictures, 2012. (165 min.), son. color. Disponível em: <http://www.filmesonlinegratis.net/assistir-batman-o-cavaleiro-das-trevas-ressurge-dublado-online.html>. Acesso em: 20/04/2015.

BATWYNN. **Gavião Arqueiro em pose de personagem feminina**. 2015. Disponível em: <<http://thehawkeyeinitiative.com/>>. Acesso em 2 jun. 2015.

BOTTOMORE, T., editor; L. Harris, V. G. Kiernan, R. Miliband, coeditores. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Tradução: Waltensir Dutra; organizador da edição brasileira, revisão técnica e pesquisa bibliográfica, Antonio Monteiro Guimarães. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BRUNHOLO, Clarissa. **Batman**. 2016. Disponível em: <<http://br.ign.com/lista/20204/feature/5-personagens-sem-poderes-que-poderiam-derrotar-o-batman>>. Acesso em 27 mar. 2015

CARVALHO, Igor. **“GAMBÉ CORONHADA”**: CARTUNISTA SATIRIZA HQ DE TELHADA E SUGERE NOVA VERSÃO. *spressosp.com.br*. 1 de junho de 2014. Disponível em: <<http://spressosp.com.br/2014/07/01/gambe-coronhada-cartunista-satiriza-hq-de-telhada-e-sugere-nova-versao/>>. Acesso 10 de abr. 2016

CASSIMIRO. E. A.; GALDINO, F. F. S. **AS CONCEPÇÕES DE CORPO CONSTRUÍDAS AO LONGO DA HISTÓRIA OCIDENTAL: DA GRECIA ANTIGA À CONTEMPORANEIDADE**. *Revista Eletrônica Print by* <http://www.ufsj.edu.br/revistalable> Μετάνοια, São João del-Rei/MG, n.14, 2012.

COSTA, F.Z. N.; FRANCO, Z. M.; LEÃO, A. L. M. S. **Biopoder em ação: seria o corpo um capital para os super-heróis da vida real?** *Mediação*, Belo Horizonte, v. 16, n. 18, jan./jun. de 2014. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/2343/1374>>. Acessado em 15 abr.2016.

DAMBROS, D. D.; CORTE, L. C. D.; JAEGER, A. A. **O corpo na Idade Média.** *http://www.efdeportes.com/ Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - Nº 121 - Junio de 2008.* Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd121/o-corpo-na-idade-media.htm>>. Acesso em 7 ago.2015.

DAOLIO, J. **Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física.** *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p.24-28, jun. 1995.

FERNANDES, T. **Desvendando a Homossexualidade na Grécia e Roma Antiga Através da Pintura e Literatura.** UFRJ. Escola de Belas Artes. Centro de Letras e Artes. Departamento de História e Teoria da Arte. Rio de Janeiro. Maio de 2014. Disponível em:<http://www.academia.edu/7448493/Desvendando_a_Homossexualidade_na_Gr%C3%A9cia_e_Roma_Antiga_Atrav%C3%A9s_da_Pintura_e_Literatura>. Acesso em 25 mai.2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1987. 280p.

FURQUIM, Michel. [Comportamento] **Super-Heróis e o corpo masculino.** *Gaynerd.com*. 13 de fevereiro de 2016. Disponível em <<http://gaynerdbrasil.com/2016/02/comportamento-super-herois-e-o-corpo-masculino.html>>. Acesso em: 27 mar.2016.

GONÇALVES JUNOR, L. **Cultura Corporal: alguns subsídios para sua compreensão na contemporaneidade** / Luiz Gonçalves Junior. – São Carlos: EdUFSCAR, 2003. 39 p. – (Série Apontamentos)

GOLDENBERG, Mirian. **O corpo como capital: Para compreender a cultura brasileira.** *Arquivos em Movimentos*, vol. 2, n/2, Rio de janeiro, jul./ dez. 2006.

GOLDENBERG, Mirian. **O corpo como capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira** / org. Mirian Goldenberg – 2. Ed. – São Paulo: Estação das letras e Cores, 2010.

GUIDOLLI, Bárbara et al. **Os músculos dos super-heróis e a sexualidade das princesas. A criança e o corpo: representações, sexualidade e cultura.** Disponível em: <<http://www.puc-riodigital.com>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

HOMOSSEXUALIDADE NA ROMA ANTIGA. WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. 2016. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualidade_na_Roma_Antiga>. Acesso em 12 mar. 2015

HAYNES, Natalie. **De onde vem nosso fascínio por super-heróis?** BBC Culture. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150820_vert_cult_herois_fn Acesso em 20 set.2015.

LIMA, M. S. **Resenha de Super-heróis, cultura e sociedade: aproximações preliminares sobre o mundo dos quadrinhos.** Revista Temática, ano VIII, n/ 09, set. 2012.

MATOS, M. I. S. de; SOIHET, R. (Orgs.). **O corpo feminino em debate.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2003. 222 p. p. 33-37. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=DnMJViQb89QC&pg=PA29&lpg=PA29&dq=rodrigo+de+castro+renascimento&source=bl&ots=RkA8eTz2VF&sig=y5OIEMqnFRvNwjtky0SLJilJc_s&hl=en&sa=X&ved=0CB8Q6AEwAGoVChMIhtv7v5KLyAIVQx2QCh3LAGeb#v=onepage&q=rodrigo%20de%20castro%20renascimento&f=false. Acesso em 19 jun.2015.

MAUERBERG-DECASTRO, E.; TAVARES, C.P. **Vulnerabilidade no esporte Paralímpico.**

MARTÍN-BARBERO, Jesús **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Jesús Martín-Barbero; Prefácio de Néstor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.

NOGUEIRA, S. **Como os super heróis nasceram.** Super interessante. Edição 360a. jul. 2012.

OLIVEIRA, Altermir de. **A participação do atleta negro no esporte: das pistas de atletismo às pistas de Fórmula 1.** <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - N° 126 - Noviembre de 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd126/a-participacao-do-atleta-negro-no-esporte.htm>. Acesso em 20 fev. 2015.

OLIVEIRA, Carlos. **Filósofo Grego Aristóteles.** 2010. Disponível em <https://cpantiguidade.wordpress.com/category/filosofia/>. Acesso em 11 mar. 2015.

O SEGREDO DO CORPO DE GISELE BUNDCHEN. Disponível em: <http://www.sougarota.com/o-segre-do-do-corpo-de-gisele-bundchen/> >. Acesso em 16 mai. 2015.

OS SUPREMOS - O FILME. Direção de Curt Geda, Steven E. Gordon, Bob Richardson. Produção de Bob Richardson. Roteiro: Greg Johnson. Música: Guy Michelmore. Estados Unidos: Lionsgate Entertainment, 2006. (72 min.), son. color. Disponível em: http://vk.com/video_ext.php?oid=219944399&id=166165051&hash=d355d01d03414fcf&hd=1. Acesso em: 20/04/2016

PALMA, A. P. T. V.; BERTONI, M. R.; PEREIRA, A. M. **O CONTEXTO HISTÓRICO: A GÊNESE DA GINÁSTICA E A CONSOLIDAÇÃO DA**

EDUCAÇÃO FÍSICA. LaPEF (Laboratório de Pesquisa em Educação Física). Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/temasdepesquisaemeducacao/ocontextohistorico.pdf>>. Acesso em 14 de junho de 2015.

PLATÃO. **A REPÚBLICA.** Tradução de Enrico Corvisieri. Fundador VICTOR CIVITA (1907 - 1990). Editora Nova Cultural Ltda., uma divisão do Círculo do Livro Ltda. Edição Integral Título Original: *Ἡ Αἰσθητικὴ Πολιτεία*. Copyright © 1997. Círculo do Livro Ltda. Tradução: Enrico Corvisieri. Direitos exclusivos sobre a tradução deste volume, Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo. Impressão e acabamento: Gráfica Círculo ISBN 85-351-1004-6. Disponível em: <<http://www.portalfil.ufsc.br/republica.pdf>>. Acesso em 2 set. 2015.

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte.** São Paulo: Ibrasa, 1982.

REDAÇÃO. **CORONEL TELHADA BANCA O HERÓI COM DINHEIRO PÚBLICO.** <http://spressosp.com.br>. 30 de junho de 2014. Disponível em <<http://spressosp.com.br/2014/06/30/coronel-telhada-banca-o-heroi-com-dinheiro-publico/>>. Acesso: 12 abr. 2016.

REDAÇÃO. **Estudos de "Manuscrito Anatômico", de 1510-1511, Leonardo da Vinci.** 2010. Disponível em: <<http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=13504#ixzz47LJVn372>>. Acesso em 12 mai. 2015.

RODRIGUES, Francisco. **Vênus de Willendorf – Arte Paleolítica.** 2013. Disponível em: <<http://clubedaartescolar.blogspot.com/2013/12/venus-de-willendorf-arte-paleolitica.html>>. Acesso em: 23 fev.2015.

ROIZ, Diogo da Silva. **A história do corpo feminino e masculino no ocidente medieval.** *Cad. Pagu*[online]. 2009, n.33, pp. 405-414. ISSN 0104-8333. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332009000200018>.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintoma de cultura.** São Paulo: Paulus, 2004.

SIERPINSKI, N. R. M. **ENXERGANDO ALÉM DOS HERÓIS: UMA ABORDAGEM EDUCOMUNICATIVA PELOS CAMINHOS DA PSICOLOGIA.** USP. São Paulo. 2015.

SILVA, Renato. **Representações de gênero e sexualidade nos quadrinhos de super-heróis.** Capitalismoemdesencanto.wordpress.com. 6 de janeiro de 2014. Disponível em <<https://capitalismoemdesencanto.wordpress.com/2014/01/06/representacoes-de-genero-e-sexualidade-nos-quadrinhos-de-super-herois/>>. Acesso em 4 abr. 2016.

SILVIA, A. M. **Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional.** Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada: da pré história ao pós moderno/Carol Strickland:** tradução Angela Lobo de Andrade.Rio de Janeiro. Edlouro. 2002.

TAUROCATAPSA. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. 2014. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Taurocatapsia>>. Acesso em 22 fev. 2015

THOELE, Alexander. **Bruxas queimadas em Lausanne durante a Idade Média.** 2011. Disponível em: <<http://www.swissinfo.ch/por/quando-as-bruxas-eram-torturadas-e-queimadas/31142966>>. Acesso em 17 mai. 2015.

UOL NOTÍCIAS. **Americano perde emprego por patrulhar as ruas de Seattle vestido de super-herói.** UOL Notícias Internacional, São Paulo, 3 nov. 2011. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2011/01/11/homem-se-veste-de-super-heroi-para-combater-o-crime-em-washington.htm>. Acesso em: 17 abr. 2016.

VIANA, N.; REBLIN, I. A. **Super-heróis, cultura e sociedade.** São Paulo: Ideias e Letras, 2011.

VIEIRA, Marcos. **CORPO, IDENTIDADE E PODER NOS QUADRINHOS DE SUPER-HERÓIS: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES.** II SEMINÁRIO INTERNO PPGCOM. Rio de Janeiro. RJ. 4 a 5 de dezembro de 2008.

VITROLA. **Ronaldinho Gaúcho.** 2008. Disponível em:<<https://botecodabola.wordpress.com/2008/04/page/2/>>. Acesso em 20 mai. 2015.

ZARINATO, B. S. L. EM BUSCA DA REALIDADE: A REPRESENTAÇÃO DO CORPO NA ANATOMIA E NA PINTURA DO RENASCIMENTO. UFPR.

Curitiba. 2011. Disponível em:

<http://www.historia.ufpr.br/monografias/2011/2_sem_2011/resumos/barbara_sebastian_a_lagos_zanirato.pdf>. Acesso em 17 jul. 2015.